

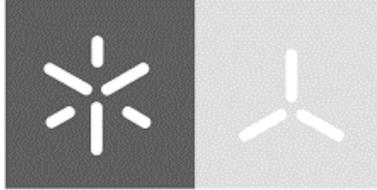


**Universidade do Minho**  
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Luís Manuel Lopes da Cunha

**Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da  
Casa de José Florêncio Soares em Fafe**





**Universidade do Minho**  
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Luís Manuel Lopes da Cunha

**Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da  
Casa de José Florêncio Soares em Fafe**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Arquitetura  
Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do  
**Professor Doutor Elisiário José Vital Miranda**

## DECLARAÇÃO

Luís Manuel Lopes da Cunha

Endereço eletrónico: luis\_cunha15@hotmail.com

Telefone: 915 629 606

Cartão do Cidadão nº: 13907627

Título da dissertação:

**Mudança e Reintegração: Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe**

Orientadores:

Professor Doutor Elisiário Miranda

Ano de conclusão: 2022

Mestrado em Arquitetura

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença CC BY-NC-ND.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Universidade do Minho 31/01/2022

Assinatura \_\_\_\_\_

## Agradecimentos

Apesar deste trabalho ser apresentado como um trabalho individual, o mesmo não seria possível sem a ajuda e cooperação de algumas pessoas, a quem não podia deixar de agradecer.

Em primeiro, ao meu orientador, o Professor Elisário Miranda, um agradecimento pela paciência, partilha de conhecimento e o apoio crucial para o desenvolvimento deste trabalho.

De seguida quero agradecer a toda a minha família e amigos, em especial à minha Mãe, pela sua força, que apesar das adversidades, tornou este sonho realidade. À minha Esposa, pelo seu apoio incondicional e finalmente ao nosso Filho, pelas alegrias que chegaram com ele.

Quero também agradecer à CARI Construtores, pela compreensão, mas também pela aprendizagem e crescimento proporcionado, neste exigente mercado de trabalho.

Por fim, mas nunca o último, quero lembrar e dedicar a conclusão desta etapa ao meu Pai, que certamente iria ficar muito orgulhoso.

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## Resumo

A Reabilitação de edifícios será nos próximos anos, uma das principais atividades na Arquitetura. O excesso de construção e o lóbi a ela associado levaram a uma perda de valores identitários das cidades e do seu património.

Falando de arquitetura e numa cidade de pequena dimensão como Fafe, que se quer afirmar num território já por ele rico em património, esta assume-se como a cidade mais brasileira de Portugal. No seu pequeno centro urbano encontramos vários exemplos de “casas dos brasileiros” e equipamentos a eles associados.

É precisamente em frente ao Teatro – Cinema de Fafe, um dos expoentes máximos desta arquitetura que encontramos a “Casa de José Florêncio Soares”, brasileiro de “torna viagem” e uma figura marcante em Fafe dos finais do século XIX.

Esta casa apalaçada, que já acolheu os mais variados eventos, desde bailes a tertúlias ou saraus de poesia e está neste momento devoluta.

É devido à sua história, a sua localização e a sua importância para uma mudança de atitude em relação a este tipo de património esquecido, que se propõe uma intervenção de requalificação do edifício e a propriedade que a ele pertence e que irá passar por uma estreita relação com o Teatro-Cinema e a Academia de Música.

Este trabalho terá como principal objetivo a reabilitação da “Casa de José Florêncio Soares em Fafe”, reintegrando-a numa cidade cada vez mais voltada para a cultura e para as artes.

Palavras-Chave: Academia de Música, Fafe, Palacete, Reabilitação, Requalificação

## Abstract

In the coming years, the rehabilitation of buildings will be one of the main activities in architecture. The excess of construction and the lobby associated with it led to a loss of identity values of cities and their heritage.

Speaking of architecture and in a small town like Fafe, which wants to assert itself in a territory already rich in heritage, this is assumed to be the most Brazilian city in Portugal. In its small urban center we find several examples of “Brazilian houses” and associated equipment.

It is precisely in front of the Teatro – Cinema de Fafe, one of the greatest exponents of this architecture, that we find the “Casa de José Florêncio Soares”, a Brazilian “turn trip” and a striking figure in Fafe at the end of the 19th century.

This palatial house, which has hosted the most varied events, from balls to gatherings or poetry soirees, is currently vacant.

It is due to its history, its location and its importance for a change of attitude towards this type of forgotten heritage, that an intervention is proposed for the requalification of the building and the property that belongs to it, which will undergo a narrow relationship with the Theater-Cinema and the Academy of Music.

This work will have as its main objective the rehabilitation of the “Casa de José Florêncio Soares in Fafe”, reintegrating it into a city increasingly focused on culture and the arts.

Keywords: Music Academy, Fafe, Palace, Rehabilitation, Requalification

## Índice

1. Introdução .....	11
2. Enquadramento Geral .....	13
2.1. Contexto Geográfico .....	13
2.2. Contexto Histórico .....	14
2.2.1. Concelho de Monte Longo .....	14
2.2.2. Fafe dos Brasileiros .....	17
2.2.3. Emigração para o Brasil .....	17
2.2.3.1. “O Brasileiro” .....	18
2.2.3.2. “O Brasileiro” de Fafe .....	18
2.2.4. Uma Cidade de Brasileiros .....	18
2.2.5. Filantropia motor de desenvolvimento da Cidade .....	19
2.2.5.1. Tecido Urbano .....	21
2.2.5.2. Hospital da Misericórdia .....	21
2.2.5.3. Jardim Publico ou do Calvário .....	22
2.3. Arquitetura da Casa do brasileiro .....	23
3. Casa José Florêncio Soares .....	24
3.1. A casa .....	24
3.2. Família Soares .....	27
3.2.1. Fábrica do Bugio .....	27
3.2.2. Igreja Nova .....	27
3.2.3. Central Hidroelétrica de St. Rita .....	28
3.2.4. Teatro Cinema .....	29
4. Academia de Música José Atalalya .....	31
5. Intervenção .....	32
5.1. Identificação do Problema .....	32
5.2. Princípios de Intervenção .....	34
5.2.1. Patamares de Intervenção .....	34
5.3. Sistema Construtivo .....	35
5.3.1. Identificação das Patologias .....	35
5.3.1.1. Fundações .....	35
5.3.1.2. Paredes Estruturais .....	35

5.3.1.3.	Paredes Divisórias não Estruturais .....	35
5.3.1.4.	Estrutura e Pavimentos em Madeira .....	36
5.3.1.5.	Cobertura.....	37
5.3.1.6.	Escadas .....	38
5.3.1.7.	Revestimentos.....	39
5.3.1.8.	Vãos (Portas e Janelas) .....	40
5.3.2.	Proposta de Resolução .....	41
5.3.2.1.	Fundações .....	41
5.3.2.2.	Paredes Estruturais .....	41
5.3.2.3.	Paredes Divisórias não Estruturais .....	41
5.3.2.4.	Estrutura e Pavimentos em Madeira .....	42
5.3.2.5.	Cobertura.....	42
5.3.2.6.	Escadas .....	42
5.3.2.7.	Revestimentos.....	43
5.3.2.8.	Vãos (Portas e Janelas) .....	43
5.3.2.9.	Alterações na construção – Térmica e Acústica.....	43
5.4.	Proposta .....	44
5.4.1.	Conceito .....	44
5.4.2.	Metodologia .....	45
5.4.3.	Programa.....	45
6.	Conclusão .....	49
7.	Bibliografia .....	50

## Índice de Figuras

Figura 1 – Concelho de Fafe; Fonte Câmara Municipal de Fafe .....	13
Figura 2 - Planta Topográfica de 1866; Fonte: António Póvoas .....	15
Figura 3 - Planta Topográfica de 1920; Fonte: António Póvoas .....	16
Figura 4 - Planta Topográfica de 1950; Fonte: António Póvoas .....	16
Figura 5 - Planta Topográfica de 1980; Fonte: António Póvoas .....	17
Figura 6 - Centro da vila de Fafe na década de 20 (séc. XX) .....	19
Figura 7 - Comissão de subscritores Fundadores do Hospital da Misericórdia .....	20
Figura 8 - Hospital da Misericórdia, Fafe .....	22
Figura 9 - Jardim Publico, Fafe .....	23
Figura 10 – Fachada Principal, Casa José Florêncio Soares, Fafe .....	24
Figura 11 - Fachada tardoz, Casa José Florêncio Soares, Fafe .....	25
Figura 12 - Planta Piso 0 - Piso 1, e Piso 2, da Casa JFS.....	26
Figura 13 - José Florêncio Soares (04/03/1824 – 01/04/1900).....	27
Figura 14 - Igreja Nova de S. José, Fafe .....	28
Figura 15 - Central, Museu Hidroelétrico de Santa Rita, Fafe .....	29
Figura 16 - Teatro-Cinema Fafe.....	30
Figura 17 - Academia de Música José Atalaya, Fafe.....	31
Figura 18 - Localização de Ed. de arquitetura 'brasileira' e serviços de Fafe; Fonte: Filipa Fonseca.....	33
Figura 19 – Casa JFS - Paredes Divisórias não Estruturais; Fotos do Autor .....	36
Figura 20 – Casa JFS - Estrutura e Pavimentos em Madeira; Fotos do Autor.....	37
Figura 21 - Casa JFS - Cobertura; Fotos do Autor .....	38
Figura 22 - Casa JFS - Escadas; Fotos do Autor.....	39
Figura 23 - Casa JFS - Revestimentos; Fotos do Autor .....	39
Figura 24 - Casa JFS - Vãos; Fotos do Autor .....	40
Figura 25 - Perfil Longitudinal – Implantação, Proposta de Intervenção.....	44
Figura 26 - Alçado Principal - Oeste, Proposta de Intervenção.....	45
Figura 27 - Planta Piso 0, Proposta de Intervenção.....	46
Figura 28 - Planta Piso 1, Proposta de Intervenção.....	47
Figura 29 - Planta Piso 2, Proposta de Intervenção.....	47
Figura 30 - Corte A, Proposta de Intervenção .....	48
Figura 31 - Corte C, Proposta de Intervenção .....	48

## Índice de Desenhos

1.00 - Planta Localização – Existente, Esc. 1:500.....	52
2.01 - Plantas Piso 0 e Piso 1 – Existente, Esc. 1:100.....	53
2.02 - Plantas Piso 2 e Cobertura – Existente, Esc. 1:100.....	54
2.03 - Cortes 1 e 2 – Existente, Esc. 1:100.....	55
2.04 - Alçados Oeste e Sul – Existente, Esc. 1:100.....	56
2.05 - Alçados Este e Norte – Existente, Esc. 1:100.....	57
3.01 - Plantas Piso 0 e Piso 1 – Alterações, Esc. 1:100.....	58
3.02 - Plantas Piso 2 e Cobertura – Alterações, Esc. 1:100.....	59
4.00 - Planta Implantação – Proposta, Esc. 1:200.....	60
5.01 - Planta Piso 0 – Proposta, Esc. 1:50.....	61
5.02 - Planta Piso 1 – Proposta, Esc. 1:50.....	62
5.03 - Planta Piso 2 – Proposta, Esc. 1:50.....	63
5.04 - Planta Cobertura – Proposta, Esc. 1:50.....	64
5.05 - Corte Longitudinal A – Proposta, Esc. 1:50.....	65
5.06 - Corte Longitudinal B – Proposta, Esc. 1:50.....	66
5.07 - Corte Transversal C – Proposta, Esc. 1:50.....	67
5.08 - Alçado Oeste – Proposta, Esc. 1:50.....	68
5.09 - Alçado Sul – Proposta, Esc. 1:50.....	69
5.10 - Alçado Este – Proposta, Esc. 1:50.....	70
5.11 - Alçado Norte – Proposta, Esc. 1:50.....	71
6.01 - Pormenores Construtivos – Proposta, Esc. 1:20.....	72
6.02 - Pormenor Construtivo Vão – Proposta, Esc. 1:20.....	73
6.03 - Pormenor Construtivo Vão – Proposta, Esc. 1:5.....	74

## 1. Introdução

A realização deste trabalho de projeto, com vista à obtenção do grau de Mestre na conclusão do Mestrado Integrado em Arquitetura, na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, parte do superior interesse pelo exercício prático de projeto de Arquitetura em conjunto com a consciência de que o futuro da Arquitetura irá passar necessariamente pela reabilitação do património edificado, em especial daquele que tem valor para a Arquitetura e para os locais onde se inserem.

A busca do caso de estudo centrou-se na cidade de Fafe, cidade onde nasci e cresci, com o objetivo de encontrar e propor uma solução para um dos problemas que o edificado do centro urbano da cidade apresenta, nomeadamente a degradação evidente do património arquitetónico de relevância, em especial a herança dos “Brasileiros de torna-viagem”<sup>1</sup>, alicerce da Fafe moderna.

Fafe tem vindo a promover as suas casas de “Arquitetura Brasileira”, fruto dos muitos emigrantes, que na segunda metade do século XIX e início do século XX retornaram à sua terra natal, onde investiram as suas fortunas, quer nas suas próprias habitações, quer em infraestruturas e edifícios públicos, mas também na criação das primeiras indústrias do concelho.

É na Casa José Florêncio Soares (CJFS), um dos maiores beneméritos, filantropo e brasileiro de “torna-viagem”, que neste momento se encontra devoluta e em estado evidente de degradação, que se pretende intervir.

Este palacete de planta horizontal, concluído em 1861, é um dos primeiros exemplos de “Arquitetura Brasileira” da cidade. Situa-se na Rua Monsenhor Vieira de Castro, em frente ao Teatro-Cinema de Fafe onde, atualmente funciona também a Academia de Música José Atalaya.

Tirando partido da sua localização e dimensões, a estratégia de intervenção passa por dar resposta a dois problemas existentes: a reabilitação da Casa José Florêncio Soares e a ampliação da Academia de Música José Atalaya.

Este trabalho de projeto tem como objetivo a reabilitação e requalificação da Casa José Florêncio Soares, passando pelo respeito por um edifício de valor patrimonial, assente num novo programa e soluções construtivas. Com isto, apresenta-se uma proposta arquitetónica fundamentada a nível conceptual e físico. O novo programa pretende dar uma nova vida a esta casa, integrando-a na dinâmica vivencial (diária) de uma escola de música e, ao mesmo tempo, renovando o carácter nobre deste “verdadeiro palácio” oitocentista.

---

<sup>1</sup> Entenda-se que por Brasileiro, ou Brasileiros de “torna-viagem”, fala-se de portugueses enriquecidos no Brasil que voltavam à sua terra natal, neste caso à cidade de Fafe.

Numa primeira fase, fez-se o enquadramento geral, desde a formação da cidade, à importância da imigração, dos “Brasileiros de “torna-viagem” e as suas influências, até à Casa José Florêncio Soares e à Família Soares, como principais motores de desenvolvimento de Fafe do século XX.

De seguida, apresenta-se o caso de estudo enquanto casa senhorial do final do século XIX, como programa original e as suas transformações ao longo do tempo. Aqui faz-se ainda uma análise do estado atual da casa e das patologias encontradas.

Por último, apresenta-se a proposta de intervenção: numa primeira fase passa por perceber o estado de conservação do edifício, necessário para a requalificação enquanto espaço educacional e musical; posteriormente adotaram-se as soluções construtivas de forma a solucionar as patologias, mas também para dar resposta às necessidades e intenções da proposta de intervenção.

O relatório organiza-se em três fases distintas:

- A primeira de carácter histórico, que consiste numa investigação sobre o tecido urbano onde o caso de estudo se insere, mas também focado na Família Soares, estabelecendo ligação entre a Casa José Florêncio Soares e o desenvolvimento da cidade no final do século XIX e início do século XX. Para isso, recorreu-se à análise de cartografia e publicações de historiadores locais;

- A segunda fase foca-se no edifício, onde se apresentam os diversos levantamentos e o programa original enquanto habitação unifamiliar oitocentista e o seu percurso até chegar ao estado em que se encontra;

- Em terceiro, apresentam-se as soluções construtivas com vista a responder às patologias identificadas bem como aos requisitos para a adaptação do novo programa;

- Por último, descreve-se e fundamenta-se o projeto de requalificação da casa José Florêncio Soares. São apresentados os conceitos e intenções projetuais, desde a escala de implantação passando pelo edifício em si, até ao pormenor construtivo.

Com este trabalho propõe-se uma solução para o défice de instalações da Academia de Música José Atalaya e ao mesmo tempo a Reabilitação e Requalificação da Casa José Florêncio Soares, com uma proposta de programa voltado para a educação e aberto ao público, para que a comunidade possa também tirar partido deste edifício de interesse patrimonial na cidade de Fafe. Por outro lado, espera-se contribuir para que a Reabilitação do património, em especial dos centros urbanos seja, cada vez mais uma opção para todos os agentes que intervêm nesta temática, desde o poder político, passando pelos investidores e clientes, até aos Arquitetos.

## 2. Enquadramento Geral

### 2.1. Contexto Geográfico

Fafe é um concelho de média dimensão do Norte de Portugal, localiza-se no baixo Minho, no interior do distrito de Braga, mais concretamente no vale do rio Ave, entre as serras do Marão, Cabreira e Gerês. Numa área dominada por montanhas e vales, percorridos por linhas de água, as mais importantes o rio Vizela e o rio Ferro, o ponto mais alto do concelho é o Alto de Morgair com 893 metros. Fafe é limitado a norte pelos municípios de Póvoa do Lanhoso e Vieira do Minho, a Este pelos municípios de Cabeceiras e Celorico de Basto, a Sul pelo município de Felgueiras e a Oeste pelo município de Guimarães. Fazem parte do município 25 freguesias, compreendidas numa área de 219km<sup>2</sup> e possui uma população de cerca de 50500 habitantes, de acordo com os censos de 2011.

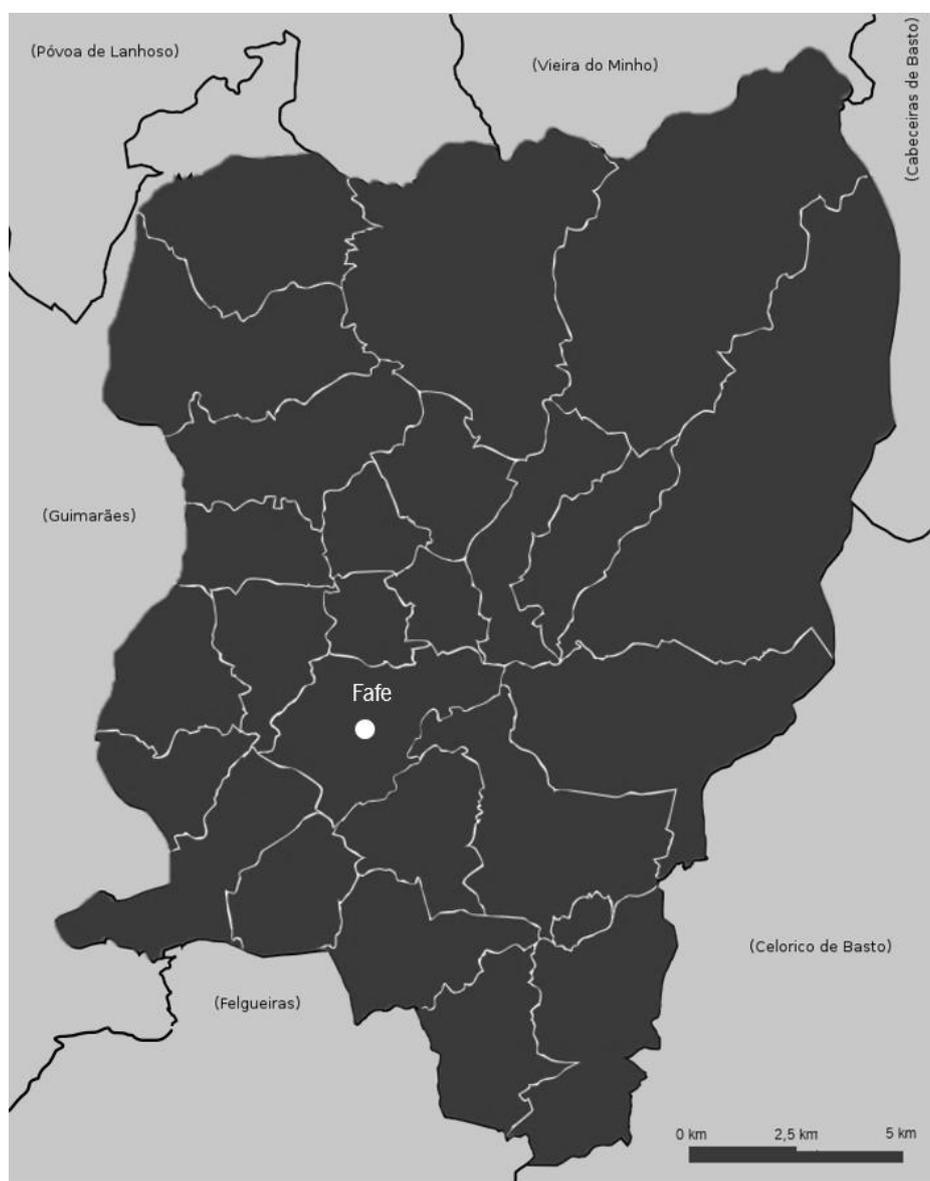


Figura 1 – Concelho de Fafe; Fonte Câmara Municipal de Fafe

## 2.2. Contexto Histórico

### 2.2.1. Concelho de Monte Longo

Fafe tem origem medieval, pois é por essa altura que surgem as primeiras referências à sua existência, mais precisamente nas inquirições de 1220 de D. Afonso II. Começou por ser conhecido por concelho de Monte Longo, talvez pela sua disposição, que tal como o rio Vizela, acompanha as cadeias montanhosas que circundam este território. As origens do Concelho de Monte Longo aparecem documentadas antes ainda da fundação de Portugal, onde, segundo Artur Coimbra, “no início do século XI, em 1014, nos aparece documentada a designação «Monte Longo», em documento referente a uma doação da segunda metade do século X, em que Ordonho III, Rei de Leão, faz a doação de «Villa Moraria de Monte Longo» (atual freguesia de Moreira de Rei) ao Mosteiro de Guimarães, fundado nessa altura pela Condessa Mumadona.”<sup>2</sup>

A designação atual do concelho, Fafe apareceu séculos mais tarde, já depois de em 1513, o Rei D. Manuel I ter atribuído Foral ao concelho de Monte Longo, em 1527 surge pela primeira vez referência à distribuição e disposição espacial do concelho, que ocupava ainda as zonas mais acidentadas e pobres deste território, situação que prevaleceu até ao início do século XVIII, devido ao fraco desenvolvimento do concelho, prevalecendo as suas raízes rurais.

A denominação Vila de Fafe surge pela primeira vez no concelho de Monte Longo após a atribuição do Foral, contudo só em 1655, aparece associado à sede do concelho, enquanto freguesia de Santa Eulália de Fafe.

No século XIX, o concelho transfigurou-se, mudou de nome e aumentou significativamente o seu tamanho. Com o triunfo da Revolução liberal em 1820, surgiram um serie de movimentos e reformas. Em Fafe foram incorporadas novas freguesias provenientes dos concelhos vizinhos e terras privilegiadas com os antigos Coutos, dos 14 lugares do medieval concelho de Monte Longo passaram a 18 em 1833. Em 1836 o nome do concelho muda definitivamente e é instituída a denominação de Concelho de Fafe em vez de Monte Longo, na altura com dezoito freguesias e 2786 fogos. No ano seguinte, eram já vinte as freguesias, mas só em 1874 Fafe integra as três últimas freguesias que completam as trinta e seis, que se mantiveram até 2013.

Até ao século XIX, Fafe mantinha uma estrutura urbana mediável, que pouco mais era que um ponto de passagem, marcado por dois eixos perpendiculares, um ligava Guimarães – Terras de Basto e Felgueiras - Pova do Lanhoso.

---

<sup>2</sup> COIMBRA, Artur Ferreira – Fafe: A Terra e a Memória. p.35



Figura 2 - Planta Topográfica de 1866; Fonte: António Póvoas

Na segunda metade do século XIX, Fafe liberta-se das raízes rurais que vinham desde os tempos medievais e vê o seu desenvolvimento e progresso acelerar. Este desenvolvimento teve início no pequeno centro do urbano e foi contagiando todo o concelho. Foi neste período que praticamente, o concelho de Fafe se estruturou como o conhecemos hoje. Foram abertas “novas ruas, novas praças e jardins, entre outras ações que criaram condições para o surgimento de obras sociais e filantrópicas (...). A iniciativa privada lança-se igualmente na indústria têxtil, fundando as primeiras e mais importantes fábricas da região.”<sup>3</sup> O comércio, principalmente no centro da vila ia florescendo.

Para este crescimento muito contribuíram os capitais dos fafenses emigrados para o Brasil e que retornaram à sua terra investindo as suas fortunas. Por volta de 1920, a cidade adquire a sua forma atual, que diz respeito à estrutura viária e ao centro urbano. A partir daí pouco se alterou, uma vez que também terminaram os investimentos “brasileiros”.

<sup>3</sup> MONTEIRO, Miguel – Migrantes, Emigrantes e Brasileiros. p.35



Figura 3 - Planta Topográfica de 1920; Fonte: António Póvoas



Figura 4 - Planta Topográfica de 1950; Fonte: António Póvoas

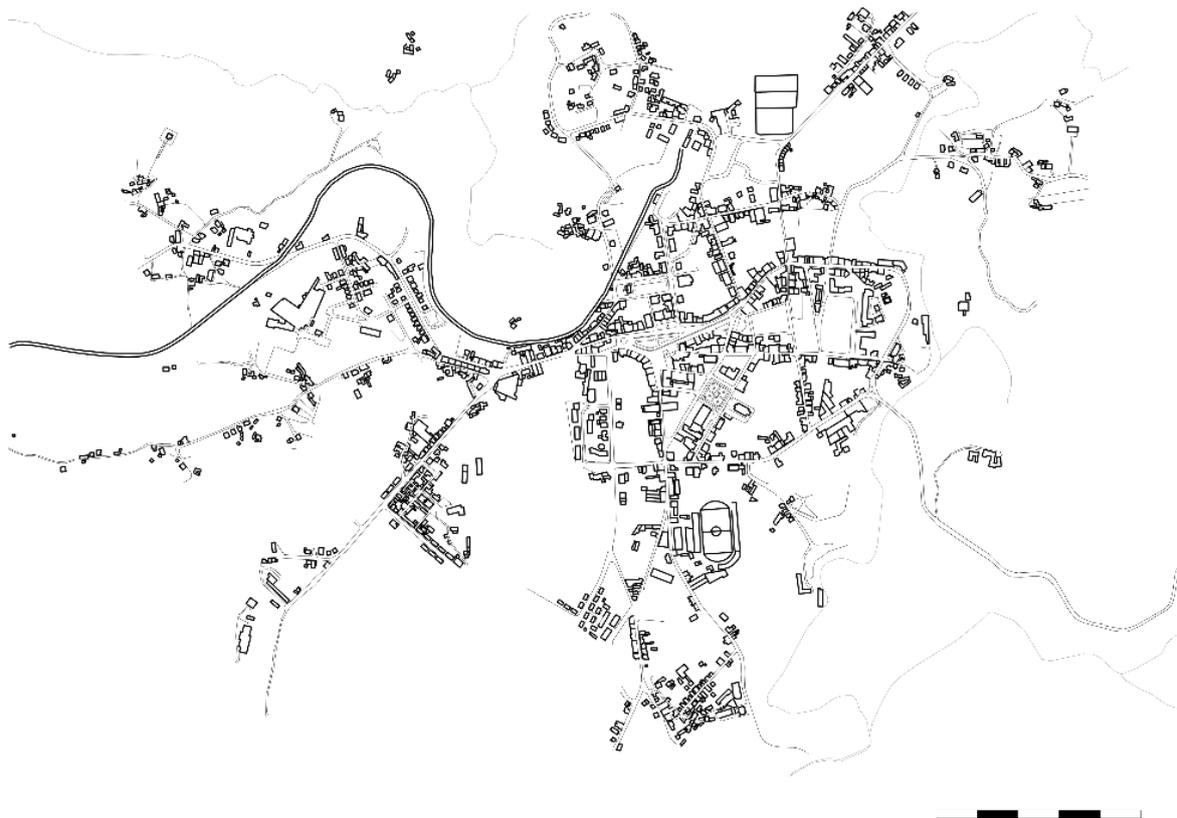


Figura 5 - Planta Topográfica de 1980; Fonte: António Póvoas

### 2.2.2. Fafe dos Brasileiros

A cidade de Fafe, mais que qualquer outra localidade minhota, deve muito da sua evolução e desenvolvimento aos “Brasileiros de torna-viagem”. Estas contribuíram para que, no século XIX, Fafe se soltasse da apatia que caracterizava o Medieval concelho de Monte Longo.

Segundo Miguel Monteiro, investigador local, que mais estudou esta temática, os “Brasileiros de Fafe” são aqueles que na segunda metade do século XIX e inícios do século XX, “conseguindo fortuna no Brasil, construíram residências, compraram quintas, criaram as primeiras indústrias, contribuíram para a construção de obras filantrópicas e participaram na vida pública e municipal, dinamizando a vida económica, social e cultural”<sup>4</sup> da cidade.

### 2.2.3. Emigração para o Brasil

Os “Brasileiros” são emigrantes que por várias ordens rumaram ao Brasil à procura de oportunidades e de riqueza fácil, graças à extração mineira, mais precisamente de ouro e diamantes. Contudo na realidade, havia uma predominância das atividades comerciais e agrícolas.

---

<sup>4</sup> MONTEIRO, Miguel – Fafe dos «Brasileiros». p.19.

A falta de oportunidades na sua terra natal, muito por causa de um lento crescimento que caracteriza o país, leva a que muitos partissem em busca de uma vida melhor na América do Sul e lhe proporcionasse as condições que ambicionavam.

De acordo com um estudo de Miguel Monteiro, o pico de emigração durou mais de um século, e desde 1834 e 1926 saíram da cidade, para terras de Santa Cruz, cerca de 8000 fafenses. O destino de grande parte destes emigrantes foi o Rio de Janeiro entre outros, mas com bastante menos expressão, como a Amazónia.

### **2.2.3.1. “O Brasileiro”**

A personagem do “Brasileiro” é caracterizada pela riqueza conquistada do outro lado do Atlântico, na sua maioria fruto de dedicação e trabalho árduo, voltava à terra de origem exibindo o seu estatuto económico superior. No regresso à cidade natal, trazia novos conceitos e costumes, fruto do contacto com outras culturas, da América do Sul e Latina, mas também da Europa e da Ásia. Entretanto, aproveitava os períodos mais longos que passava em Fafe, para viajar pelas principais capitais europeias instalando-se nos melhores hotéis, frequentando teatros acabando por fim por se instalar na sua cidade natal.

### **2.2.3.2. “O Brasileiro” de Fafe**

Inicialmente, estes “Brasileiros” eram de estrato social de poucos recursos, filhos de pequenos proprietários agrícolas ou comerciantes, apoiados por familiares já instalados no Brasil. Contudo no século XIX a emigração atraiu gente de todos os estratos sociais, entre elas a própria aristocracia fafense. Segundo o jornal “O Desforço” entre 1893 a 1922, emigraram para o Brasil, (em maior ou menor numero), fafenses de praticamente todas as freguesias. Como já referido, as regiões destino para a maioria foram o Rio de Janeiro e Amazónia. Sendo que no Rio de Janeiro dedicavam-se essencialmente à atividade comercial e em alguns casos à indústria. Já em regiões interiores as atividades incidiam no negócio de madeiras, borracha e transportes marítimos.<sup>5</sup>

## **2.2.4. Uma Cidade de Brasileiros**

Fafe deve aos “Brasileiros de torna-viagem” muito do seu progresso, estes estão intimamente ligados a diversos empreendimentos realizados no concelho na segunda metade do século XIX. As

---

<sup>5</sup> MONTEIRO, Miguel – Fafe dos “Brasileiros” 1860-1930. p.47-48

intervenções daquele período foram os alicerces do Urbanismo e da Arquitetura que ainda hoje marcam a cidade.

Como exemplo maior das iniciativas filantrópicas dos “Brasileiros” está a “...promoção do Hospital de S. José, em 1858, a fundação da Santa Casa da Misericórdia de Fafe, em 1862, a construção das primeiras indústrias, (...). *José Florêncio Soares*, funda a Fábrica do Bugio em 1873, enquanto outro brasileiro, José Ribeiro Vieira de Castro está na base da fundação da Fábrica de Fiação e Tecidos de Fafe, em 1886, a edificação do Jardim do Calvário, em 1892 e a iniciativa da construção da Igreja Nova, em 1895,”<sup>6</sup>



Figura 6 - Centro da vila de Fafe na década de 20 (séc. XX)

### 2.2.5. Filantropia motor de desenvolvimento da Cidade

Durante a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, fruto de uma estreita relação com o Brasil, Fafe conhece uma série de transformações arquitetónicas, socio-económicas e culturais. Facto que leva com que a 24 de Fevereiro de 1917, em sessão de Câmara, se decide atribuir ao Largo do Santo a designação de Praça do Brasil.

Deste período, estão documentadas uma série de iniciativas de carácter filantrópico promovidas por alguns destes emigrantes que fizeram fortunas do outro lado do Atlântico:

---

<sup>6</sup> COIMBRA, Artur Ferreira – Fafe: A Terra e a Memória. p.103

“A construção do edifício do Hospital de São José ou da Misericórdia, iniciada em 1859, e inaugurada a primeira fase em 1863, destacando-se José Florêncio Soares, Luís António Rebelo de Castro, que se encontravam na cidade do Rio de Janeiro; o Passeio Público, inaugurado em 26 de Dezembro de 1892, deveu-se ao comendador Albino de Oliveira Guimarães, «pelo grande melhoramento público que promovera», (...) a construção da Igreja Nova de São José, iniciada em 1895 com um legado de Fortunato José de Oliveira, no valor de oito contos de réis, conheceu o envolvimento de outros emigrantes do Brasil, nomeadamente de José Florêncio Soares, comendador Albino de Oliveira Guimarães, Bernardino da Cunha Mendes, João Alves de Freitas e José Ribeiro Vieira de Castro;”<sup>7</sup>

A construção dos Asilos de Inválidos de Santo António e o da Infância Desvalida, foram promovidos respetivamente por Manuel Baptista Maia e António Joaquim Vieira Montenegro, também emigrantes do Brasil. A António Joaquim Vieira Montenegro deve-se também a construção da Escola Primária de Travassós, e a Deolinda Leite, a construção da Escola Primária de São Martinho de Silveiras concluída a 5 de Agosto de 1892, a Associação dos Bombeiros Voluntários de Fafe é fundada em 1890 e recebeu donativos dos Brasileiros, nomeadamente de António José de Bastos que oferece o primeiro carro.



Figura 7 - Comissão de subscritores Fundadores do Hospital da Misericórdia<sup>8</sup>

<sup>7</sup> MONTEIRO, Miguel – Migrantes, Emigrantes e Brasileiros. p.32

<sup>8</sup> Comissão de subscritores Fundadores do Hospital da Misericórdia, ou de S. José, composta por um grupo de emigrantes fafenses no Rio de Janeiro, com o comendador Albino de Oliveira Guimarães em pé, e o incentivador desta comissão, José Florêncio Soares, na extrema esquerda.

### **2.2.5.1.Tecido Urbano**

A estruturação e o desenvolvimento da cidade de Fafe estão diretamente relacionados, quer com o triunfo do liberalismo, quer com a República. O capitalismo liberal introduziu recursos financeiros geradores de fluxos de pessoas e mercadorias, ao mesmo tempo que surgiam novas vias de comunicação, com as pontes novas do Ranha, de São José e de Golães.

Os recursos financeiros dos capitalistas foram de grande importância em Fafe, sobretudo porque eram na maioria capitais de “Brasileiros de torna-viagem”. Sendo estes construtores de residências apalaçadas, impulsionadores das primeiras indústrias e com uma visão filantrópica que levou à construção de edificações cívicas, tais como hospitais asilos, escolas e o passeio publico.

A partir da segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, a vila de Fafe conhece uma série de transformações. São tomadas iniciativas de intervenções urbanas marcadas pela abertura de novas ruas e praças, assim como na organização das novas edificações.

### **2.2.5.2.Hospital da Misericórdia**

O Hospital da Misericórdia está associado aos “Brasileiros” fafenses, uma vez que foram eles que promoveram e contribuíram para a sua edificação. A construção deste hospital foi forçada pela profunda crise no sistema de saúde que o país atravessava em meados do século XIX.

O médico Dr. Miguel António Soares incitou ao seu filho José Florêncio Soares, um abastado e influente brasileiro, a quem Fafe dedica uma das mais belas praças, para que promovesse a construção desta obra junto de outros emigrantes fafenses no Rio de Janeiro. José Florêncio Soares prosseguiu com uma campanha de angariação de fundos, tendo conseguido um vasto apoio de emigrantes naturais de Fafe que se disponibilizaram a apoiar a iniciativa.

Em 19 de março de 1863, dia de S. José, o estabelecimento foi aberto parcialmente à população, nomeadamente aos pobres, iniciou funcionamento unicamente de uma enfermaria, assistindo doentes que não tinham medicamentos nem meios para se cuidarem em casa.

Em pouco tempo seria instalada a primeira farmácia no Hospital e, simultaneamente foi a capela ao encargo de José Florêncio Soares.

Ao longo dos anos, o edifício foi melhorado, alargando os serviços e as instalações para uma melhor assistência face às necessidades da comunidade.



Figura 8 - Hospital da Misericórdia, Fafe

### 2.2.5.3. Jardim Público ou do Calvário

No século XIX, à imagem de outras cidades portuguesas, com o surgimento de uma burguesia o Passeio/Jardim Público passa a ser um lugar de encontro e ócio. O mais importante jardim público da cidade, o Jardim do Calvário, situado no lugar do Calvário, sobranceiro à cidade, deve-se ao benemérito “Brasileiro” Comendador Albino de Oliveira Guimarães. Tendo sido considerado um melhoramento público de extrema importância para a Fafe, a inauguração solene do jardim ocorre a 26 de dezembro de 1892, tendo a câmara aprovado um voto de louvor a Albino de Oliveira Guimarães pelos “valiosos serviços que prestara ao Município para a construção do mesmo jardim e pelo grande melhoramento público que promovera”<sup>9</sup>.

Em 1912, é aprovado um coreto para o jardim, em 1917 é comprado um barco para o lago e em 1929 é construído um quiosque junto de um rínque de patinagem.

O Jardim do Calvário tem servido como espaço de lazer e romantismo, bem como para eventos culturais e musicais.

---

<sup>9</sup> COIMBRA, Artur Ferreira – Fafe: A Terra e a Memória. p.65



Figura 9 - Jardim Publico, Fafe

### 2.3 Arquitetura da Casa do brasileiro

Para além de todas as obras de beneficência em prol da cidade de Fafe, é na construção das suas próprias habitações que a ação dos “Brasileiros” mais se evidencia. Estes Palacetes preenchem o tecido urbano, dando forma à cidade que anteriormente, pouco mais era que uma rua, ladeada pela casa da Câmara e a cadeia, um local de passagem, que ligava de Guimarães a Cavez.

Aquando do regresso definitivo, estes “Brasileiros de torna-viagem” investiam em habitações apalaçadas de valor arquitetónico superior e maioritariamente localizadas no centro urbano, sede do concelho. Estas construções eram símbolo de afirmação e de prestígio do proprietário e da sua nova situação financeira em relação à comunidade de origem.

Fundamentalmente são palacetes de grandes dimensões, alguns deles envolvidos por jardins “tropicais”, com a inevitável palmeira misturada com árvores de fruto. Impõem-se por fachadas amplas, revestidas de belíssimos azulejos multicolores, com numerosas portas e janelas, de pé direito considerável. As varandas estreitas, quase sempre a toda a largura do prédio, apresentam guardas de ferro forjado ou fundido, ricamente ornamentadas.

Apontam-se ainda diversos exemplos de beirais de faiança pintados, normalmente de cor azul.

Elemento fundamental na arquitetura brasileira é a indispensável claraboia, símbolo maior desse tipo de construção, a encimar o telhado e a iluminar as escadas interiores.

### 3. Casa José Florêncio Soares



Figura 10 – Fachada Principal, Casa José Florêncio Soares, Fafe

#### 3.1. A casa

A Casa José Florêncio Soares possui uma planta retangular de desenvolvimento horizontal, com cobertura em telhado de quatro águas, com claraboia e mansarda central, esta é revestida a zinco pintado de branco e coberta a duas águas.

As fachadas são rebocadas e pintadas de branco, com dois registos, separados por um friso de granito e são rasgadas regularmente por vãos, sendo todas as janelas de peito em guilhotina. O embasamento, as molduras, os cunhais apilastrados e a cornija são em granito. A fachada principal é amplamente rasgada por vãos em arco pleno, no rés-do-chão possui a porta de entrada principal ao centro, e três janelas de cada um dos lados, no primeiro piso, abrem-se sete janelas com acesso a uma varanda corrida ao longo de toda a fachada, que assenta em mísulas e tem guarda em ferro forjado pintado a verde. Acima do beiral ergue-se uma platibanda de granito, com frontão central triangular, contendo a inscrição da data de fundação da casa, "1861".

A ladear o alçado principal estão os portões de acesso ao antigo jardim, que se desenvolve na parte posterior, neste encontram-se alguns vestígios do que pode ter sido um espaço com árvores exóticas, caramanchões e estátuas. A fachada tardoz, tem uma escadaria de dois lanços, que convergem para uma porta alpendrada, no primeiro piso, dando acesso à copa.



Figura 11 - Fachada tardoz, Casa José Florêncio Soares, Fafe

No interior, a porta principal dá acesso ao vestibulo de receção para o qual se abrem cinco portas, uma à esquerda e outra à direita, dão acesso a dois escritórios, sendo que num deles funcionou a gerência da Fábrica do Bugio, em relação às três portas frontais, a central, conduz à escadaria principal, que leva ao piso nobre e as laterais às lojas que ocupam a maior parte do piso térreo, destinadas fundamentalmente à arrecadação de produtos agrícolas. Ainda neste piso, a partir da fachada tardoz, acede-se à garagem, à sala da caldeira, mas também a dois sanitários e um quarto, para uso dos funcionários. O pavimento deste piso térreo é maioritariamente em granito, cuja exceção consiste apenas no pavimento dos dois escritórios, sendo estes em madeira.

A escadaria principal, possui três lanços paralelos, com um primeiro lanço único e de seguida, dois lanços paralelos e alternativos, sendo esta é em madeira, com guarda em ferro. É iluminada pela claraboia superior, em forma de cúpula, com decoração de estuque neoclássica.

No primeiro piso, ou piso nobre, há um corredor central que distribui para os quartos, situados a Sul e para a sala de jantar e capela, a Norte. Ao fundo do corredor, abrindo-se para o alçado tardoz encontramos a copa, com a cozinha à sua esquerda, enquanto à direita se situam as escadas de serviço que conduzem às águas-furtadas, e dois sanitários, um dos quais com sala de banho. A Oeste, abrindo-se para a fachada principal, encontra-se o salão nobre, que tem acesso à sacada sobre a Rua Monsenhor Vieira de Castro e é decorado a azul e ouro. Junto a este salão, situam-se três quartos, o primeiro, com janelas abrindo para a fachada Sul e para a fachada principal, enquanto os restantes possuem janelas viradas a Sul.

Em todo o primeiro piso os pavimentos são em pinho-riga, com exceção da cozinha e sanitários que são em ladrilho cerâmico, estes são suportados por barrotes de madeira, que para além de suportarem o pavimento, estão ligados às paredes estruturais, autoportantes de granito, funcionando como elementos bidirecionais de travamento das mesmas. Já as paredes divisórias são em tabique, de modo a não sobrecarregar a estrutura.

Nas águas-furtadas, os quartos dos criados organizam-se essencialmente de um lado e de outro de um corredor que atravessa o corpo sobrelevado. O corredor que termina na trapeira sobre o alçado tardoz, que o ilumina. Seis dependências assim distribuídas, havendo ainda mais quatro espaços nestas águas-furtadas, um deles um sanitário e outro que corresponderia a mais um quarto.

O esqueleto da cobertura desenvolve-se unicamente em madeira maciça, nomeadamente em asnas simples sem nível e barrotes. Estes elementos são irregulares devido à dificuldade de transformação de toros em peças esquadriadas. São notórios acrescentos posteriores à estrutura original, possivelmente, para reforço de elementos que com o tempo começaram a ceder.



Figura 12 - Planta Piso 0 - Piso 1, e Piso 2, da Casa JFS<sup>10</sup>

<sup>10</sup> 00-Vestibulo; 01-Escritório fábrica; 02-Escritório advogado; 03-Armazenamento; 04-Arrumos; 05-Lagares; 06-Arrumos; 07-Cozinha funcionários; 08-Garagem; 09-Quarto funcionários; 10-I.S funcionários; 11-Salão Nobre; 12-Quartos proprietários; 13-Capela; 14-Sala de visitas; 15-Sala de jantar; 16-Cozinha; 17-Sala de estar; 18-Arrumos; 19-I.S; 20-Quarto funcionários; 21-I.S funcionários; 22-Arrumos

## 3.2. Família Soares



Figura 13 - José Florêncio Soares (04/03/1824 – 01/04/1900)

José Florêncio Soares foi um fafense forçado a emigrar para o Brasil ainda muito jovem. Quando regressa, influencia notoriamente a sua cidade: constrói a sua casa (1860-1861), assente nos ideais apreendidos do outro lado do Atlântico; funda a fábrica do Bugio em 1873 e torna-se Presidente da Câmara em 1887. José Florêncio Soares é das principais figuras de “brasileiro” do séc. XIX.

### 3.2.1. Fábrica do Bugio

A José Florêncio Soares deve-se a fundação da Fábrica do Bugio na freguesia de S. Martinho de Silves em 1873. No ramo da indústria têxtil, foi em 17 de setembro de 1873 constituída sob a forma de Parceria Mercantil, a sociedade destinada à montagem e exploração da fábrica, sendo de 1875 os primeiros estudos para o aproveitamento do rio Bugio como força motora através de uma turbina.

A Parceria Mercantil perdurou até Março de 1884, ano em que se desfez e passou a ser apenas propriedade de José Florêncio Soares, desde aí ficou sempre a pertencer à família Soares e seus herdeiros, até que em 1917 passou a chamar-se “José Florêncio Soares & C.<sup>a</sup>, Sucessores” sob a alçada de José Summavielle Soares, neto paterno do Fundador.

### 3.2.2. Igreja Nova

A construção da Igreja Nova de S. José deve-se à filantropia de um grupo de “Brasileiros de torna-viagem”, do qual fez parte mais uma vez José Florêncio Soares.

No final do século XIX, a Igreja paroquial, a Matriz de Santa Eulália, estava-se a tornar pequena para a população da vila que iam crescendo a bom ritmo e enriquecendo com capitais vindos do Brasil, tornava-se então necessária a edificação de um novo templo. A sua construção passou por várias complicações, razão pela qual, desde a formação da comissão edificadora, em 1895, até à inauguração da “Igreja Nova” em 1961, passam 66 anos.



Figura 14 - Igreja Nova de S. José, Fafe

### 3.2.3. Central Hidroelétrica de St. Rita

Situada na freguesia de Fornelos, a cerca de 5km da cidade de Fafe e alimentada pelas águas do Rio Vizela, a Central Hidroelétrica de St. Rita foi uma das mais importantes obras do século XX na Vila de Fafe.

A obra levada a cabo durante o mandato de José Summavielle Soares, enquanto Presidente da Câmara, foi inaugurada já no mandato do Dr. Artur Vieira de Castro, a 5 de outubro de 1914.

Com o objetivo de substituir os “velhos candeeiros a gás” por iluminação elétrica, esta obra tornou-se histórica pela importância que teve ao nível do desenvolvimento e progresso industrial do concelho, que na altura já contava a Fábrica do Ferro e a Companhia de Fiação do Bugio.

Após o 25 de Abril, “com a nacionalização da produção e distribuição da energia elétrica” a central findou a produção em 1981. Dado o bom estado da central e seus equipamentos o edifício foi tornado museu e atualmente chama-se “Museu Hidroelétrico de Santa Rita”<sup>11</sup>.

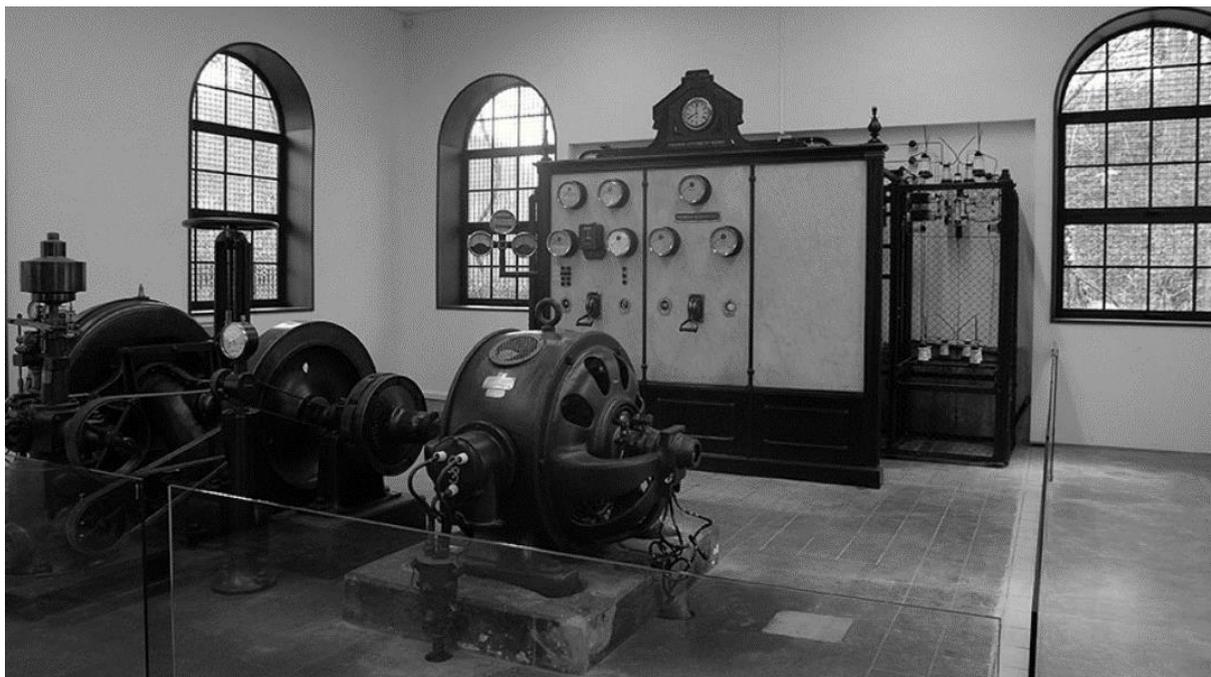


Figura 15 - Central, Museu Hidroelétrico de Santa Rita, Fafe

#### 3.2.4. Teatro Cinema

O Teatro-Cinema é um dos mais importantes pontos de interesse arquitetónico do concelho e um bom exemplo de investimento com capitais brasileiros.

Situado em frente à casa JFS, “o antigo “casarão” e a empresa de João Trovisco foram adquiridos, no início dos anos 20 por José Summavielle Soares, que ali mandou construir o edifício do Teatro-Cinema e inaugurado em 1923 foi um importante investimento cultural “havendo notícia que as atividades aí realizadas (..), só se iniciavam quando a família Summavielle chegasse.”<sup>12</sup> Com capacidade para cerca de 400 pessoas, destacam-se as pinturas da fachada principal, de decoração invulgar e de harmonioso recorte. Pintada em tom de rosa e com desenhos de cupidos alados, como que a simbolizar o amor às artes.

<sup>11</sup> COIMBRA, Artur Ferreira – Fafe: A Terra e a Memória. p.150

<sup>12</sup> MONTEIRO, Miguel – Migrantes, Emigrantes e Brasileiros. p.135

A arquitetura do interior é em forma de ferradura, com um teto abobadado e decorado com motivos pictóricos alusivos a músicos famosos (Chopin, Rossini, Haydn e Mozart), além da figuração do firmamento.

Ao longo de mais de 50 anos, o Teatro - Cinema apresentou inúmeros espetáculos de teatro e milhares de filmes, além de manifestações de diversa índole. Com o passar dos tempos, o edifício foi-se degradando e deixou de ter condições para a exibição cinematográfica, pelo que foi encerrado ao público em 1981, por determinação da Direção Geral de Espetáculos, por ameaçar ruína.

Encerrado durante cerca de 20 anos, a Câmara Municipal conseguiu finalmente, em 2001, depois de aturadas negociações, adquirir o imóvel.

Em 2008, todo o conjunto do Teatro – Cinema foi devidamente restaurado no âmbito das obras de requalificação, bem como dotado das mais modernas condições de funcionamento e de utilização. Por outro lado, em seu redor foi construído um edifício para apoio técnico às atividades do Teatro - Cinema e que inclui a instalação da Academia de Música José Atalaya.

O novo edifício inclui ainda uma sala polivalente - batizada com o nome de Manoel de Oliveira, em homenagem ao centenário realizador português– com capacidade para cerca de 150 pessoas. Além da exibição de cinema, nessa sala são ainda realizadas audições musicais e outros eventos apropriados.



Figura 16 - Teatro-Cinema Fafe

Esta obra marca o fim das iniciativas dos Brasileiros de Fafe e dos seus descendentes, fechando o ciclo da emigração para o Brasil.

#### 4. Academia de Música José Atalaya

A Academia de Música José Atalaya foi fundada em 1998 sob proposta do Maestro José Atalaya com o apoio da Câmara Municipal de Fafe e integra-se, juridicamente, na Associação Cultural de Educação Pelas Artes (ACEPA).

A Academia de Música funcionou na Rua Serpa Pinto na Casa “brasileira” de José Joaquim Carvalho, no final do século XIX. Em 2008, com as obras de requalificação do Teatro-Cinema, a academia é lá instalada e lá permanece até aos dias de hoje.

Com o reconhecimento da Direção Regional de Educação do Norte, neste momento são lecionados em paralelismo pedagógico os Cursos Básicos de Acordeão, Clarinete, Flauta Transversal, Piano, Saxofone, Viola Dedilhada e Violino.

A Academia de Música José Atalaya conta já cerca de 100 alunos, e 3 dezenas de professores, num espaço que se faz curto para o que o quotidiano e a azáfama de uma escola de música exigem.



Figura 17 - Academia de Música José Atalaya, Fafe

## 5. Intervenção

### 5.1. Identificação do Problema

Apesar da manifesta importância da iniciativa dos “Brasileiros de torna-viagem” em Fafe, expressa nas diversas ações filantrópicas da época e naquilo que perdura até hoje, numa arquitetura singular e na evolução estrutura urbana, este sentimento benfeitor com base na herança “brasileira” foi sendo esquecida e ignorada durante várias décadas.

Pode-se encontrar “casas brasileiras” em vários concelhos do norte do país, maioritariamente na região do Minho. Mas, como vimos no presente texto, foi em Fafe que a presença dos “Brasileiros de torna-viagem” se tornou tão decisiva para o seu desenvolvimento social, económico e urbano.

Para além das várias casas brasileiras que embelezam o centro da cidade, fruto do investimento privado dos emigrantes que voltaram do Brasil e cá construíram edifícios que sobressaem pela sua dimensão, ostentação e riqueza, símbolo do novo estatuto social com que regressam. Promoveram e lideraram a construção do hospital, escolas, igrejas entre outros que vimos anteriormente.

Atualmente, contrariamente ao que se vem fazendo noutros centros urbanos maiores, onde se vê um investimento na reabilitação e requalificação dos edifícios “históricos”, como vimos na cidade vizinha de Guimarães, o centro urbano de Fafe, em particular as “Casas Brasileiras”, tem sido desconsiderado enfrentando assim problemas relacionados com o “êxodo” da população residente para a periferia ou para grandes centros do litoral.

A maioria dos edifícios de valor patrimonial, de “arquitetura brasileira”, do centro urbano encontram-se esteticamente (fachada) degradados, por outro lado encontramos habitações com problemas mais profundos, a nível estrutural e da cobertura, que colocam em risco a segurança e conforto dos moradores e dos transeuntes.

Somando aos edifícios já abandonados, temos edifícios arrendados a idosos com baixos rendimentos que pagam das rendas de baixo valor que se mantiveram durante anos inalteradas, descapitalizaram os proprietários, que aliado à inevitável desagregação familiar e à perda do poder financeiro inicial (séc. XIX), veem-se sem meios para a necessária conservação e manutenção das habitações.

Por outro lado, os centros das cidades tendem a ser zonas mais procuradas por atividades, como o comércio e restauração, conduzindo a movimentos de especulação que seduzem os proprietários levando à falta de zelo, prevenção e manutenção.

Quer por pressões da especulação imobiliária, quer pelo desapego por parte dos proprietários ou inquilinos, o facto é que os edifícios não sendo alvo de manutenção ou reabilitação acabam por entrar

num processo de degradação, em muitos casos acabam por ruir e são substituídos por novas construções.

O património arquitetónico, nomeadamente da “arquitetura brasileira”, é a herança do período de maior crescimento e desenvolvimento da cidade de Fafe, da segunda metade do século XIX e início de século XX. As fortunas dos emigrantes Fafenses regressados do Brasil contribuíram para um enorme progresso a nível cultural, urbano, económico e social, que até aí, pouco mais era que uma rua que ligava Guimarães a Cavez. Esta herança, assente na filantropia “Brasileiros de torna-viagem”, é urgente preservar de forma a contribuir para a ressalva da própria identidade da cidade.

Atualmente encontramos duas iniciativas de requalificação municipais e três privadas. No âmbito municipal, temos o edifício do Teatro-Cinema, já referido anteriormente e a Casa António José de Basto Azevedo ou “Palacete do ex-Grémio”, um imóvel de “Arquitetura Brasileira” construído em 1912 que foi comprado pelo Município em 2007. Foi alvo de obras de requalificação e reabilitação e inaugurado em 2013, recebendo a função de Arquivo Municipal, integrando o quarteirão cultural em conjunto com a Casa Municipal de Cultura e a Biblioteca Municipal.

Por outro lado, dentro das iniciativas privadas, temos a reabilitação do “Palacete da Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe” e a “Casa António José de Bastos Azevedo”, ambas como Moradias Unifamiliares. A “Casa de José Luís Mendes de Oliveira e Castro” foi convertida num edifício de habitação multifamiliar, com comércio e serviços do rés-do-chão.

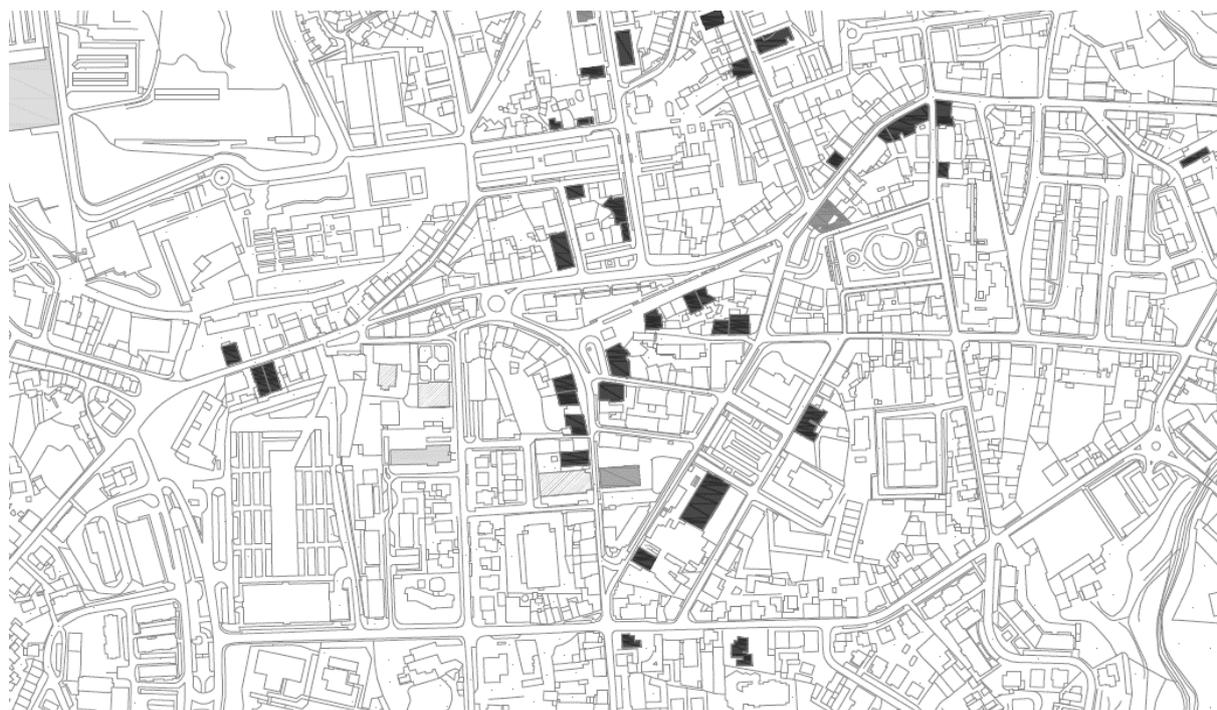


Figura 18 - Localização de Ed. de arquitetura 'brasileira' e serviços de Fafe; Fonte: Filipa Fonseca

## 5.2. Princípios de Intervenção

- Garantia de reversibilidade das soluções propostas;
- Adoção de soluções com o mínimo de intrusão;
- Adaptação da função ao espaço e às características do edifício;
- Privilegiar a recuperação de processos/técnicas antigas;
- Privilegiar soluções de intervenção faseadas no tempo, como meio de diminuir os custos financeiros e sociais;
- Aferição prévia do nível de valor histórico, cultural e tecnológico do edifício<sup>13</sup>

### 5.2.1. Patamares de Intervenção

A intervenção de Reabilitação procura responder a objetivos como: potenciar a melhoria das condições de durabilidade do edifício; melhorar a eficácia funcional; eliminar riscos para a saúde; prevenir problemas ambientais (sísmicos, cheias, etc.); corrigir problemas estruturais e defeitos de interação entre elementos construtivos; e atualizar ou melhorar as condições de utilização ou de adaptação a novas funções compatíveis.

A definição de prioridades de intervenção, que pode apoiar numa melhor compreensão de um possível faseamento das intervenções (se necessário) ou a simples decisão do que deve ser intervencionado em situação de contenção económica, é uma das razões para a apresentação de uma escala de prioridades.

1. Cobertura – verificação do estado da estrutura de apoio, com substituição de peças e reforço se necessário; verificação e correção de problemas de impermeabilização/estanquidade; verificação do estado das telhas e sua estanquidade, bem como a colocação de isolamento térmico em caso de inexistência; verificação dos elementos de escoamento de águas pluviais, nomeadamente caleiras e tubos de queda que devem estar fora das paredes;
2. Fundações - drenagem periférica e correção de eventuais problemas de assentamento;
3. Paredes – verificação de fissuração e orientação e amplitude desta; eventuais desaprumos;
4. Revestimentos – verificação de fissuras, manchas de humidade e bolores (localização e amplitude), empolamentos, descasque do reboco e/ou da pintura;

---

<sup>13</sup> A Casa José Florêncio Soares é considerada pelo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) como Património Local, sendo o seu grau de proteção descrito como grau 3, isto é, “3 – imóvel ou conjunto de acompanhamento que, sem possuir características individuais a assinalar, colabora na qualidade do espaço urbano ou na ligação do tempo com o lugar, devendo ser preservado em tal medida. Incluem-se neste grupo, com exceções, os objetos edificados classificados como Valor Concelhio/ Imóvel de Interesse Municipal e outras classificações locais”.

### **5.3. Sistema Construtivo**

#### **5.3.1. Identificação das Patologias**

O levantamento visual e fotográfico do edifício tem como objetivo a compreensão do sistema construtivo, mas também a identificação das patologias e as suas causas.

O estado de degradação em que a casa JFS se encontra deve-se principalmente ao facto da mesma ter sido deixada praticamente ao abandono pelos proprietários. A falta de manutenção é por isso o ponto transversal nas patologias encontradas.

Este processo de abandono levou a uma consequente cobertura em muito mau estado, sendo que as infiltrações daí resultantes são a principal causa das patologias no interior do edifício, em especial junto às paredes estruturais exteriores.

##### **5.3.1.1. Fundações**

As fundações da época e região eram normalmente diretas em pedra ou indiretas. Sendo a primeira utilizada quando existia solo firme e rochoso a pouca profundidade, e a segunda, quando era necessário estabilizar os solos, tornando-os mais compactos e resistentes. Podem apresentar uma largura superior à parede e podem ultrapassar acima da cota do solo, geralmente não ultrapassando 1 metro de altura.

Uma vez que não foi possível a observação das fundações e dado que o edifício se encontra em terreno rochoso e firme, subentende-se que estamos na presença de um tipo de fundação direta. Não manifestando nenhum indício anormal ou patológico nestes elementos.

##### **5.3.1.2. Paredes Estruturais**

As paredes estruturais são em alvenaria de pedra aparelhada com cerca de 70 cm, diminuindo no piso 1. Estas vêm no seguimento das fundações e suportam a estrutura do Piso 1 e da cobertura, sendo na caixa de escadas, estas paredes prolongam-se de modo a suportar a claraboia.

Apesar de uma evidente degradação do revestimento interior das paredes da fachada, estas encontram-se estáveis e a cumprir a sua função.

##### **5.3.1.3. Paredes Divisórias não Estruturais**

As paredes divisórias, não estruturais, são em tabique, com uma espessura que varia entre os 10 e 15 cm. Estas paredes revelam um papel secundário importante contrabalançado o comportamento rígido das paredes estruturais.

No último piso, as águas-furtadas apresentam as paredes exteriores em tabique, mas revestidas pelo exterior com chapas de zinco ondulada pintadas de branco.

As principais patologias apresentadas por estes elementos são junto às paredes exteriores, onde estão bastante danificadas, resultado das infiltrações da cobertura.



Figura 19 – Casa JFS - Paredes Divisórias não Estruturais; Fotos do Autor

#### 5.3.1.4. Estrutura e Pavimentos em Madeira

A estrutura do pavimento é formada por vigas de madeira, com secções irregulares com o entalhe na parte superior para receber o soalho. São colocadas paralelamente a uma distância que varia entre 0.2 e os 0.5m. Estas vigas são apoiadas nas paredes estruturais, com entregas de cerca de 25 cm, na parte inferior era fixado um fasquiado de modo a executar os tetos em estuque. O soalho é constituído por régulas de madeira de riga com 12 cm encaixadas entre si com o sistema de macho-fêmea.

Dentro da estrutura e pavimento em madeira, a estrutura apresenta-se relativamente estável. Por outro lado, o pavimento da cozinha e da sala de jantar foi já alterado e neste momento é constituído por lajes aligeiradas e revestimento cerâmico. É ainda visível a introdução de elementos posteriores em betão armado, no piso 0, de suporte ao pavimento do piso nobre de modo a combater algum tipo de deformação. Quanto ao soalho, é possível observar a deterioração do soalho, nos escritórios do R/C, devido à proximidade ao solo e a ação da água por capilaridade. No piso nobre, as patologias estão associadas às infiltrações prominentes da cobertura e à falta de alguns vãos exteriores, sofrendo a ação dos agentes atmosféricos.



Figura 20 – Casa JFS - Estrutura e Pavimentos em Madeira; Fotos do Autor

#### 5.3.1.5. Cobertura

A cobertura é formada por um telhado em quatro águas e uma mansarda central. A estrutura de apoio à cobertura é em madeira, composta por asnas simples ligadas pelas madres. A ligação às paredes estruturais é feita por uma peça de madeira contínua que acima estes elementos verticais.

O telhado é composto, do interior para o exterior, por varas, guarda-pó, ripas, subtelha e telha cerâmica.

A cobertura é a principal fonte das patologias que o edifício apresenta, apesar da estrutura principal se encontrar estável. O telhado está em bastante mau estado, há várias telhas partidas ou inexistentes, a subtelha também se encontra bastante danificada. A ligação da cobertura às paredes estruturais é o ponto mais frágil da cobertura, consequência a deformação aí localizada e/ou uma caleira perimetral em mau estado, que possibilitam as infiltrações que afetam outros elementos construtivos como pavimentos, tetos estucados e revestimentos de paredes.

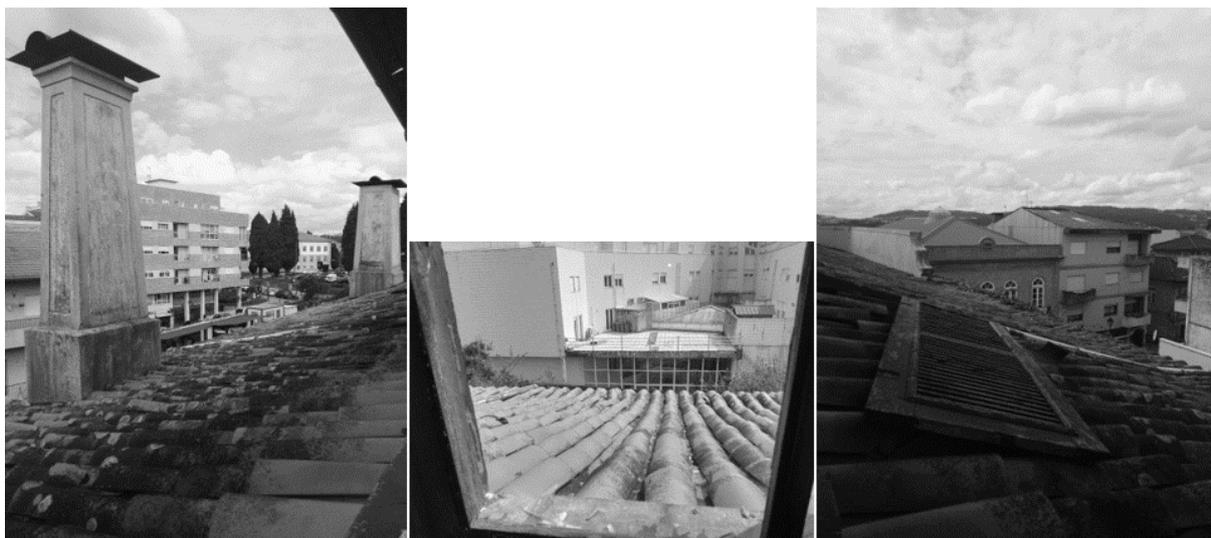


Figura 21 - Casa JFS - Cobertura; Fotos do Autor

#### 5.3.1.6. Escadas

Na casa JFS existem 3 tipos de escadas, sendo duas delas de serviço e uma escadaria principal que nos recebe do átrio e nos encaminha para o piso nobre.

A escadaria principal desenvolve-se com um lanço de acesso a patamar comunicante com dois lanços paralelos até ao piso nobre, apresenta guarda em ferro, e iluminação superior da claraboia. Apesar de estarem, aparentemente em bom estado, estas acusam o desgaste do passar dos tempos e algum abatimento, resultado do envelhecimento da madeira sem a devida manutenção.

Na cozinha existem, também, umas escadas em L que dão acesso direto ao piso inferior, a uma dependência onde funcionava a caldeira do aquecimento central da casa. Sendo umas escadas de serviço, estas são muito estreitas e possuem uma estrutura muito mais simples em relação à escadaria principal. Esta escada apresenta-se já bastante fragilizada, acusando idade do material e a ação de xilófagos.

À direita da Copa situa-se a escada de serviço que interliga os três pisos da casa, desde o r/c às águas-furtadas. Esta escada, à semelhança da escada da cozinha, é estreita e simples. Para além das patologias encontradas da escada anterior, esta sofre com a ação das infiltrações provenientes da cobertura, encontrando-se neste momento bastante instável.



Figura 22 - Casa JFS - Escadas; Fotos do Autor

### 5.3.1.7. Revestimentos

Os revestimentos da época eram feitos com argamassas à base de argila e cal, possuindo características variáveis ao longo do tempo. Com isto, conseguia-se uma maior plasticidade em fase de obra, para uma melhor adaptação ao material da parede, formando um elemento unitário.

Os tetos em estuque são parte integrante da estrutura do pavimento, onde são pregadas às ripas de madeira que conferem a aderência ao estuque.

Os revestimentos à base de estuque, neste caso os interiores, são bastante vulneráveis à ação da água, quer por ascensão quer por capilaridade, incidência direta ou infiltrações vindas da cobertura. A casa apresenta compartimentos em que os tetos estão bastante degradados, sendo quase impossível de reparar, mas ainda assim seria uma mais valia serem reproduzidos.



Figura 23 - Casa JFS - Revestimentos; Fotos do Autor

### 5.3.1.8. Vãos (Portas e Janelas)

As soluções tradicionais utilizam elementos de madeira pintados com tintas de óleo. As janelas de guilhotina em quadrícula são comuns nos edifícios mais antigos, devido ao valor elevado dos painéis de vidro de grandes dimensões. Os sistemas de proteção solar eram executados pelo interior ou exterior com portadas de madeira, podendo ter postigos para abertura parcial.

Na casa JFS encontramos vários tipos de vãos, sendo que todas as janelas de peito são em guilhotina. Na fachada principal temos vãos de arco pleno, no R/C protegido com gradeamento em ferro fundido. Nas fachadas laterais, ao nível do piso térreo, temos óculos ovais que iluminam as lojas, no piso nobre temos janelas de arco plano junto da fachada principal e as restantes de verga reta com portadas interiores.

Sendo que estes elementos desempenham a função de defesa da casa das condições atmosféricas e estão diretamente em contacto com as mesmas, temos vãos em muito mau estado, quer por ação direta dos elementos, quer por vandalismo ou pelas infiltrações vindas da cobertura.

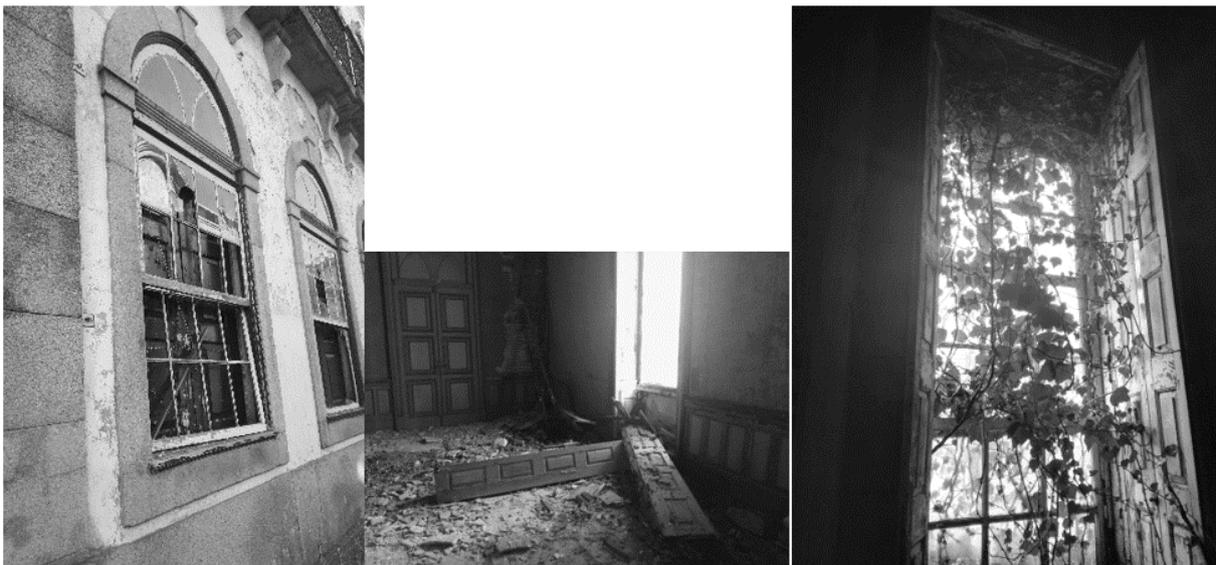


Figura 24 - Casa JFS - Vãos; Fotos do Autor

### **5.3.2. Proposta de Resolução**

As soluções construtivas adotadas tiveram como primeiro objetivo a resolução das patologias encontradas de acordo com a estratégia de intervenção. Em segundo lugar, dar resposta ao novo programa, principalmente ao nível do conforto térmico e da acústica dos espaços.

#### **5.3.2.1. Fundações**

Uma vez que nesta fase não se encontrou nenhum indício anormal ou patológico nestes elementos, a intervenção ao nível das fundações do edifício será muito reduzida. Será introduzido um sistema impermeabilização e drenagem periférico, pelo exterior, de forma a eliminar eventuais problemas de infiltrações por capilaridade ascendente. Aquando da execução destes trabalhos, verificar-se-á a necessidade de intervenções mais profundas, de caráter estrutural.

#### **5.3.2.2. Paredes Estruturais**

Uma vez que estas paredes estão estruturalmente saudáveis e tendo em conta a sua durabilidade, a intervenção nas mesmas consiste essencialmente na reparação dos revestimentos, em especial para paredes das fachadas.

O processo de reparação, desenrola-se em três fases de intervenção, a primeira consiste na remoção e picagem do todo revestimento, a segunda será a execução do revestimento, estanhado, e a terceira implica a pintura total dos paramentos, para uma homogeneização da cor original.

#### **5.3.2.3. Paredes Divisórias não Estruturais**

De acordo com o levantamento realizado, as principais patologias apresentadas por estas paredes derivam de infiltrações provenientes da cobertura, que danificaram grande parte destes elementos, principalmente junto às paredes da fachada. Tendo a necessidade da correção da origem destas patologias, a proposta de intervenção nestes elementos passará pela remoção integral do seu revestimento e fasquiado, para avaliação da sua estrutura, nomeadamente quanto às costeiras e barrotes de travamento, que em casos necessários serão substituídos com elementos de madeira novos. Aproveitando estas intervenções será colocado isolamento acústico (lã de rocha), para de seguida serem revestidas a placas de gesso cartonado e o seu acabamento final.

#### **5.3.2.4. Estrutura e Pavimentos em Madeira**

Relativamente à estrutura de madeira que suporta o piso 1, o teto do piso 1 e águas-furtadas, esta encontra-se aparentemente estável, contudo será necessária uma avaliação mais rigorosa, pois verificou-se a existência de elementos em betão armado, no piso 0, como suporte ao pavimento do piso 1 de modo a combater algum tipo de deformação.

Verificou-se ainda que o pavimento da cozinha e da sala de jantar foi já alterado e neste momento é constituído por lajes aligeiradas e revestimento cerâmico, tendo em conta que o piso 0 sofrerá um grande número de intervenções, nomeadamente com a introdução do auditório, esta laje será demolida e reconstruída de acordo com o método construtivo original, com vigas de madeira e soalho em madeira de riga.

Quanto ao soalho, dado o elevado estado de deterioração nos escritórios do R/C, este será substituído por lajetas de granito, semelhante ao existente no vestíbulo. No piso nobre, devido às infiltrações prominentes da cobertura e à falta de alguns vãos exteriores, existem áreas de pavimento que terão de ser substituídas, por réguas da mesma madeira e dimensão igual à existem, a restante área de soalho que está em bom estado, será afagado e terá o tratamento necessário à sua recuperação.

#### **5.3.2.5. Cobertura**

Com a análise do estado da cobertura, verificou-se que a estrutura que a suporta, ainda está em bom estado, contudo é urgente a substituição integral da telha e subtelha, de forma a resolver as inúmeras patologias que resultam de infiltrações provenientes do telhado.

Em termos geométricos, a cobertura mantém-se em quatro águas, maioritariamente em telha cerâmica, a mansarda existente cresce e ganha uma forma mais regular, será revestida a chapa de zinco agrafada e destaca-se enquanto a única intervenção visível pelo exterior, em toda a reabilitação.

#### **5.3.2.6. Escadas**

Em relação à proposta de intervenção nas escadas, a mesma passa por 3 intenções distintas. A primeira, relativa à escadaria principal, enquanto elemento central da Casa JFS e estando a mesma em bom estado geral, passa pela recuperação integral da mesma, com a substituição das peças de desgaste como é o caso dos cobertores em pinho e a recuperação da guarda em ferro e corrimão original.

A segunda, relativa às escadas existentes na cozinha e às localizadas à direita da copa, devido ao seu mau estado significativo, às suas pequenas dimensões e a não se enquadrarem na proposta arquitetónica pretendida, serão totalmente demolidas.

A terceira, passa pela introdução de uma nova escadaria, junto ao alçado tardoz, em betão à vista, que pela sua “brutalidade” e dimensão será um elemento diferenciador, em contraponto com o requinte da restante reabilitação. Esta escada tem como objetivo a articulação entre todos pisos do palacete, desde o rés-do-chão, às águas-furtadas. A par desta escada será ainda introduzido um elevador de forma garantir a maior comodidade e acessibilidade as todos os pisos de pessoas com diferentes tipos de condicionantes de mobilidade.

#### **5.3.2.7. Revestimentos**

O elevado estado de degradação dos revestimentos, obriga em que em grande parte tenham de ser picados/retirados, para serem reproduzidos, ou introduzidas novas soluções.

No caso de revestimento das fachadas, optou-se por proceder à sua picagem integral, e posterior reprodução, executando o reboco à base de cal hidráulica, para posterior pintura garantido a imagem original do palacete.

Em relação às paredes interiores, as de pedra e estruturais, após picagem do revestimento existente, optou-se por um reboco à base de cal hidráulica e acabamento com argamassa estanhada. As paredes não estruturais, depois da picagem do seu revestimento, e após a introdução do isolamento, serão revestidas a placas de gesso cartonada, para posterior barramento e acabamento final.

#### **5.3.2.8. Vãos (Portas e Janelas)**

Os vãos da Casa JFS, que se enquadram no novo programa e de acordo com as plantas de alterações, serão totalmente recuperados, nomeadamente todos os das fachadas. Nos casos em que não é possível, dado ao seu elevado estado de degradação ou à sua inexistência, estes serão reproduzidos na integra, de forma a preservar a linguagem original.

A exceção à regra, serão os vãos da nova mansarda, que por se tratar de um elemento novo, não se irá recuperar os vãos existentes, no entanto, os novos vãos serão enquadrados com os restantes.

#### **5.3.2.9. Alterações na construção – Térmica e Acústica**

Com vista a melhorar o conforto térmico e acústico deste antigo palacete, foram introduzidas algumas alterações, que se considera imprescindível num ambiente de ensino musical, nomeadamente ao nível das paredes exteriores e interiores, dos tetos e pisos, e dos vãos.

Ao nível das Paredes, nas exteriores, ou da fachada, após a picagem do revestimento existente, o isolamento será colocado pelo interior, sob a forma de reboco térmico projetado à base de cal hidráulica

e cortiça. Nas paredes interiores, não estruturais, como já foi dito atrás, aproveita-se a necessidade de avaliação da sua estrutura interna, para se colocar isolamento, com placas de lã de rocha.

Nos tetos, com vista à correção de pontes térmicas, optou-se por colocar granulado negro de cortiça, nomeadamente nos tetos de zonas uteis para zonas não uteis, como é caso da sala da orquestra para o desvão da cobertura. Sob pisos/pavimentos, nomeadamente entre zonas uteis, utiliza-se o mesmo material, de forma a minimizar a transmissão de ruído de percussão em pavimentos.

Tendo como premissa a recuperação a caixilharia existente, optou-se por introduzir uma segunda caixilharia pelo interior. Esta caixilharia será em ferro, com vidro duplo, com 2 folhas de abrir e uma bandeira basculante superior.

#### 5.4. Proposta

Tirando partido da sua localização e dimensão, a reabilitação e requalificação da Casa JFS passa por dar resposta a dois problemas, o avançado estado de degradação desta habitação oitocentista e a ampliação da Academia de Música José Atalaya.



Figura 25 - Perfil Longitudinal – Implantação, Proposta de Intervenção

Propõe-se, assim, uma solução para o défice de instalações da Academia e ao mesmo tempo a Reabilitação e Requalificação da Casa José Florêncio Soares, com uma proposta de programa voltado para a educação e aberto ao público, para que a comunidade possa também tirar partido deste edifício de interesse patrimonial na cidade de Fafe.

##### 5.4.1. Conceito

O novo programa pretende dar uma nova vida a esta casa, integrando-a na dinâmica vivencial (diária) de uma escola de música e ao mesmo tempo renovando o carácter nobre deste palacete oitocentista.

Por outro lado, espera-se contribuir para que a reabilitação do património, em especial dos centros urbanos seja cada vez mais uma opção para todos os agentes que intervêm nesta temática, desde o poder político, passando pelos investidores e clientes, até à Arquitetura.

#### 5.4.2. Metodologia

Uma vez que a escola se encontra em funcionamento, mas com défice evidente de instalações, a estratégia passa pela divisão do programa entre os dois edifícios. Para isso resolveu-se manter a direção, a secretaria e as salas de professores no edifício do Teatro-Cinema e na Casa José Florêncio Soares passam a funcionar os espaços de ensino coletivo e individual, sala da orquestra e instrumentos de proporção, apoiados por um auditório com 100 lugares e um bar, aproveitando os espaços exteriores como uma mais-valia na agitação de uma escola com alunos de várias idades.

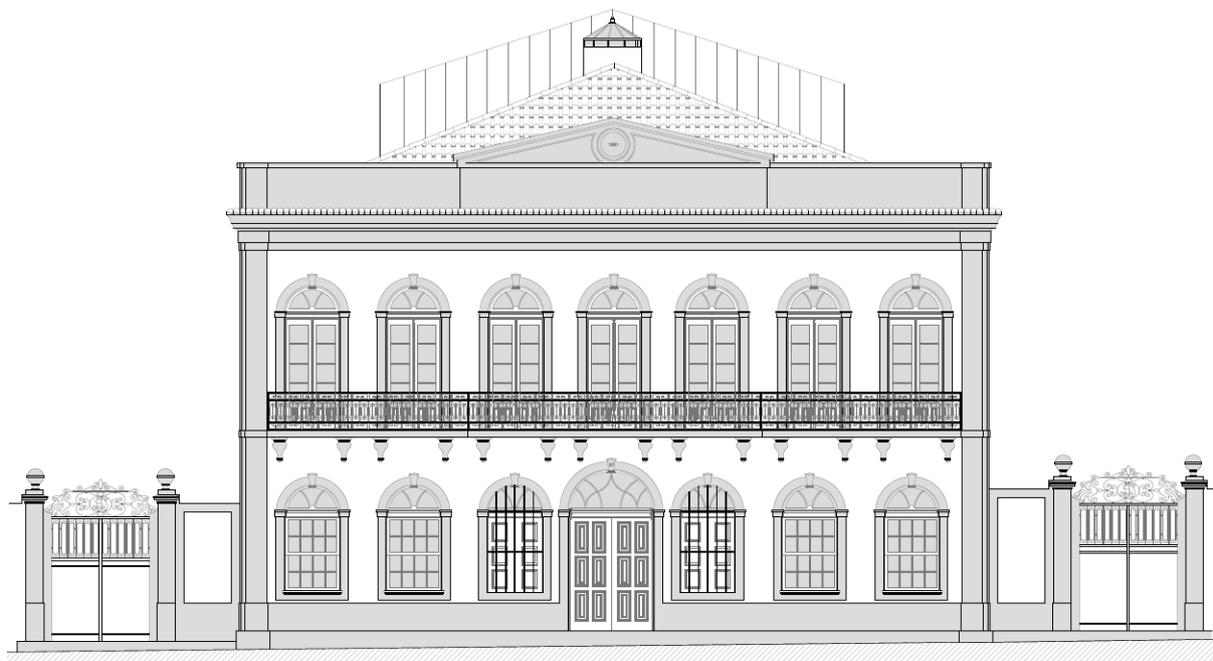


Figura 26 - Alçado Principal - Oeste, Proposta de Intervenção

#### 5.4.3. Programa

No que diz respeito ao programa de intervenção na casa JFS, o mesmo divide-se pelos 3 pisos do palacete e vão desde espaços públicos/comunitários, a espaços coletivos e espaços individuais.

No rés-do-chão, encontram-se os espaços que se pretende dedicar à comunidade, com acesso direto ao auditório a partir do vestíbulo. À direita do mesmo, encontra-se a receção e três camarins dedicados aos artistas, à esquerda encontra-se o bar e as instalações sanitárias de apoio em dias de espetáculo.

Subindo pela escadaria principal, encimada pela claraboia, acede-se ao piso 1, onde se encontram os espaços dedicados ao ensino coletivo, com quatro salas de aula, com capacidade para 21 alunos cada, uma pequena biblioteca de apoio ao estudo, e junto ao alçado principal encontram-se a sala do coro e a sala da orquestra que ocupa o antigo salão nobre do palacete. No alçado tardoz encontra-se a sala polivalente e a copa, para o convívio entre os alunos e apoio as refeições.

No piso 2, as águas-furtadas, funcionam os espaços de ensino individual, com 4 salas de aula individuais e uma sala de estar, e/ou descanso.

Pode ainda verificar-se uma progressiva evolução de intervenções, que vão desde o alçado principal para o tardoz. Junto ao alçado principal encontramos espaços pouco intervencionados, dando primazia à reabilitação e mantendo a traça original dos espaços, nomeadamente o vestíbulo, a escadaria principal, a claraboia e o salão nobre. Percorrendo o palacete até ao alçado tardoz, encontramos espaços mais intervencionados, integrados com novos elementos contemporâneos, como é o caso do auditório, do elevador e da escadaria secundária, em betão à vista, que liga os 3 pisos do palacete desde o rés-do-chão até às águas-furtadas.

A introdução destes novos elementos (escadaria secundária e elevador), visam a melhoria na funcionalidade e da articulação entre diferentes pisos do palacete, assim como a garantir a acessibilidade a todos os pisos de pessoas com diferentes tipos de condicionantes de mobilidade.

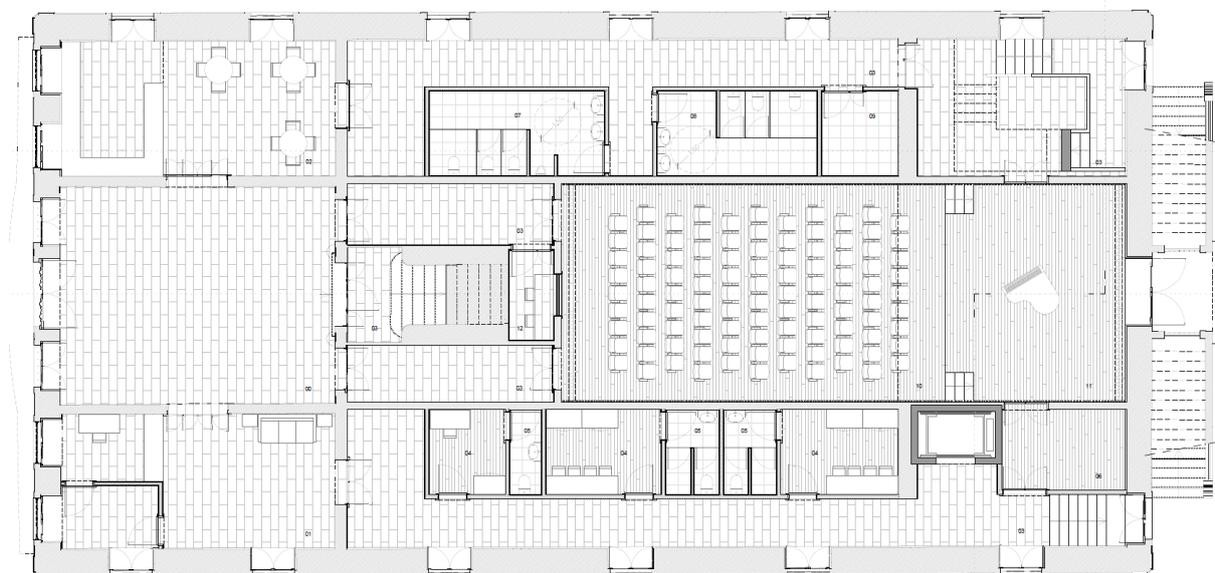


Figura 27 - Planta Piso 0, Proposta de Intervenção<sup>14</sup>

<sup>14</sup> 00 – Vestíbulo; 01 – Receção; 02 – Bar; 03 – Circulação; 04 – Camarim; 05 - I.S. Camarim; 06 - Antecâmara; 07 - I.S. Masculino; 08 - I.S. Feminino; 09 – Arrumos; 10 – Auditório; 11 – Palco; 12 - Sala Técnica;

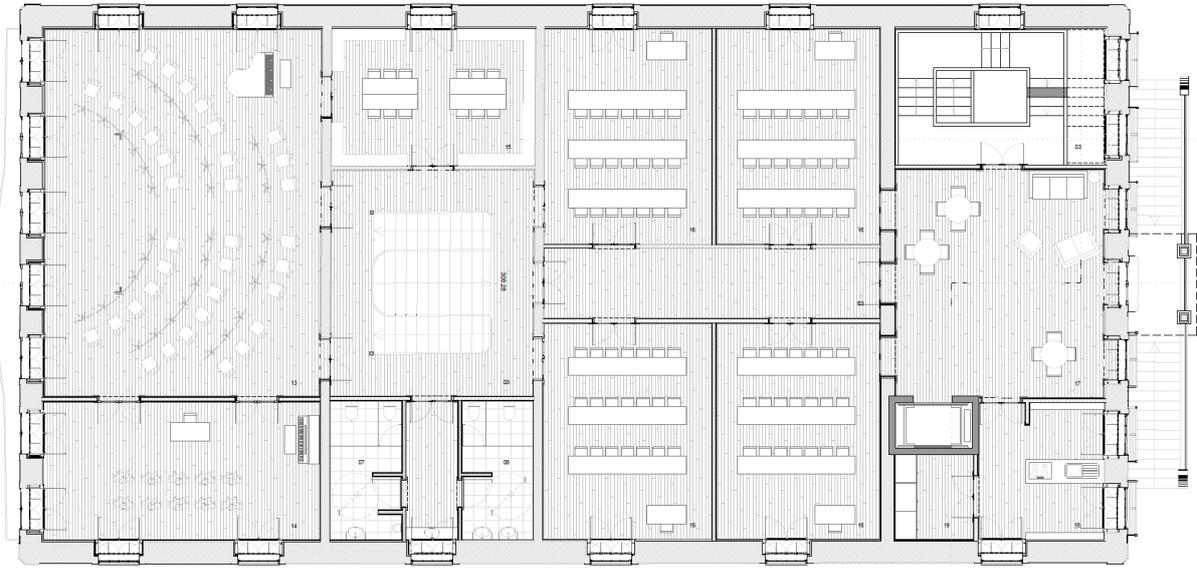


Figura 28 - Planta Piso 1, Proposta de Intervenção<sup>15</sup>

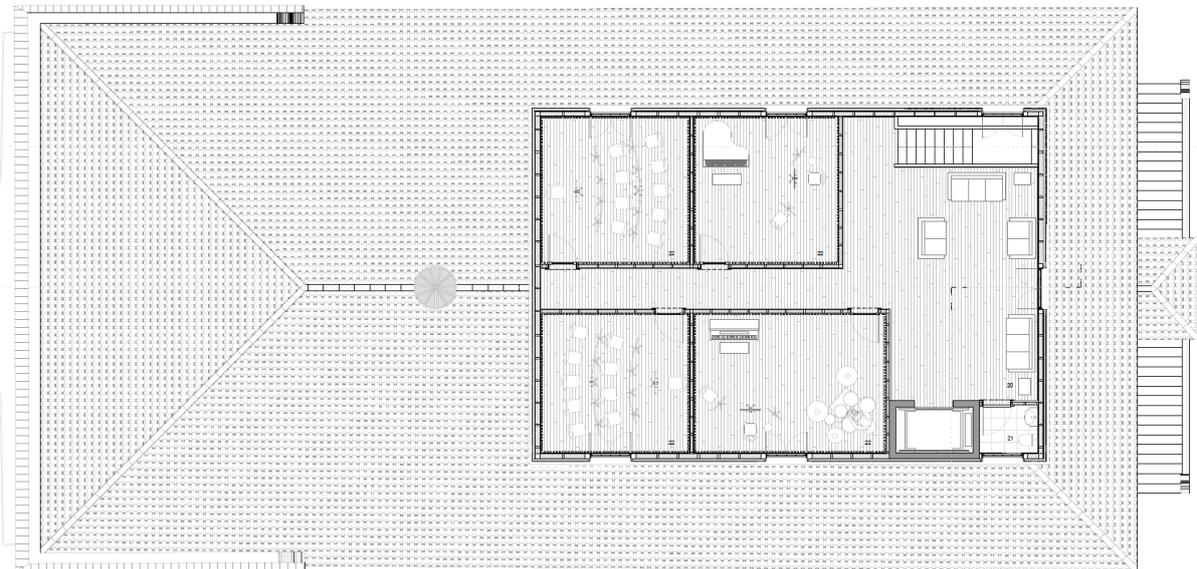


Figura 29 - Planta Piso 2, Proposta de Intervenção<sup>16</sup>

<sup>15</sup> 13 - Sala da Orquestra; 14 - Sala do Coro; 15 - Biblioteca; 16 - Sala de Aula Coletiva; 17 - Sala Polivalente; 18 - Copa; 19 - Dispensa;

<sup>16</sup> 20 - Sala de Convívio; 21 - I.S.; 22 - Sala de Aula Individual;

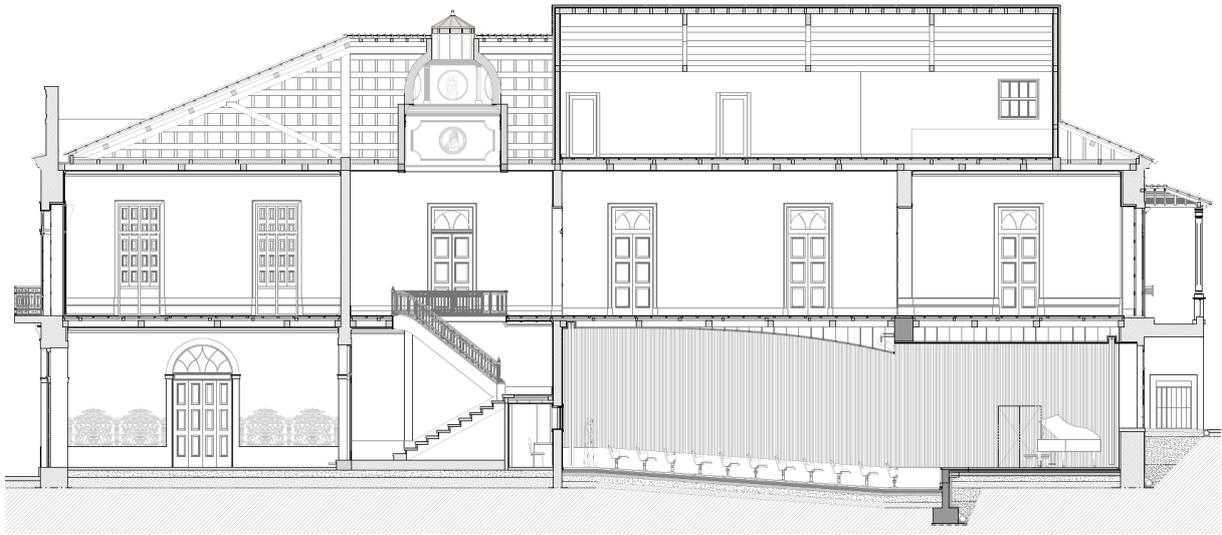


Figura 30 - Corte A, Proposta de Intervenção

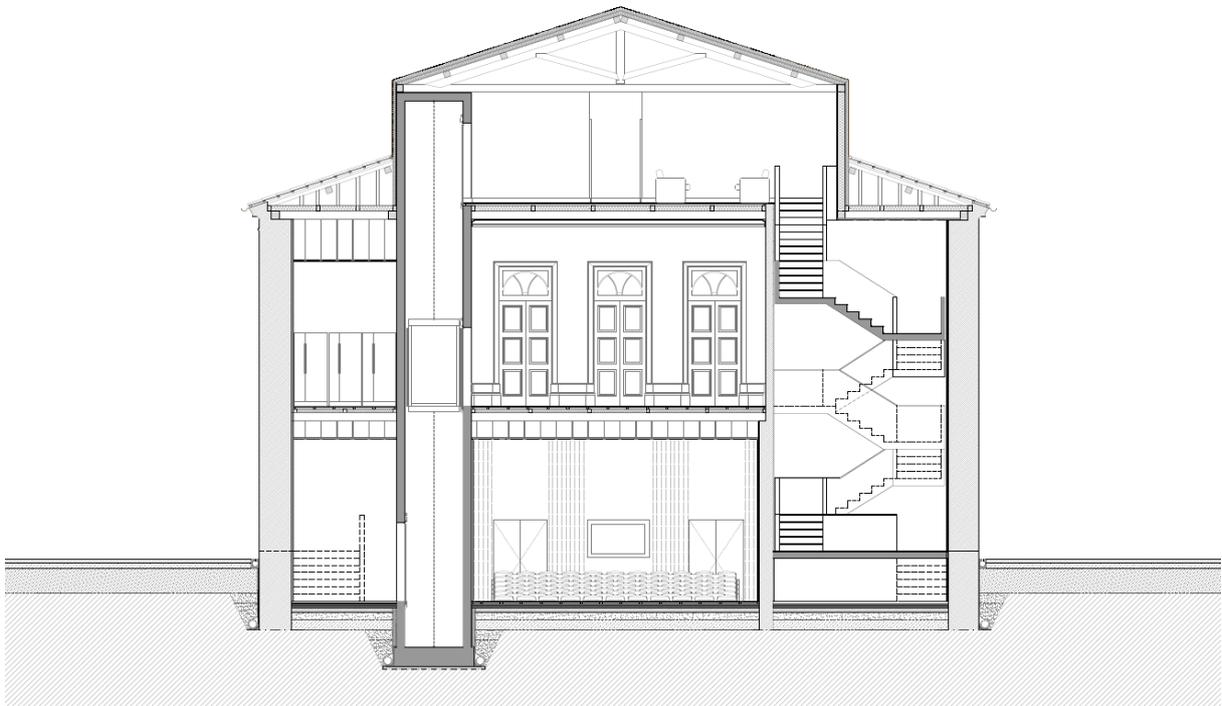


Figura 31 - Corte C, Proposta de Intervenção

## 6. Conclusão

A Reabilitação do Património construído é um tema cada vez mais presente na atividade profissional de um Arquiteto. A conjuntura económica em que nos encontramos, o investimento em novas infraestruturas e o elevado consumo dos solos faz com que a reabilitação em especial dos centros urbanos, seja uma alternativa e uma aposta no futuro das cidades e da Arquitetura. Em consequência do excesso de construção e construção não planeada, do período pós 25 de Abril, fizeram de Fafe mais um exemplo que seguiram o modelo centrífugo em direção à periferia, mas também os centros urbanos foram perdendo identidade, dando lugar a edifícios sem qualquer tipo de valor arquitetónico.

Fafe é uma cidade de média dimensão e com o seu desenvolvimento relativamente recente. Para isso muito contribuíram os “Brasileiros de torna-viagem” que trouxeram para a sua cidade natal uma Arquitetura característica e que só agora Fafe tem realçado. É uma herança que é preciso salvaguardar e compreender para que estes valores sejam preservados e integrados nas vivências contemporâneas, numa articulação entre o passado e o presente, pensando num futuro sustentável para estas construções.

Com este trabalho, pretende-se contribuir para uma mudança de mentalidade em relação aos centros urbanos e a Reabilitação, ao mesmo tempo que se aponta uma solução para um edifício de interesse para a cidade de Fafe. Neste relatório, foram abordados diversos pontos essenciais, desde a evolução da cidade, o caso de estudo e a articulação com a realidade da Reabilitação Arquitetónica.

A intervenção, neste edifício, exigiu uma análise dos registos construtivos, funcionais, estéticos e históricos da época em comparação com o estado atual da casa, de modo a perceber a melhor forma de intervir e responder ao novo programa.

Na realização do projeto de reabilitação foi necessário perceber o estado de conservação do edifício, perceber quais os elementos que pode e/ou deve recuperar, ou o oposto. Perceber até que ponto se pode optar por uma intervenção mais profunda com novos elementos. É, por isso, necessário encontrar estratégias de intervenção de modo a criar uma relação entre o pré-existente e o novo, sendo ela de harmonia ou de contraste.

A maior dificuldade deste trabalho foi a adaptação do caso de estudo, uma habitação unifamiliar do século XIX, para um programa totalmente diferente, como é uma Escola de Música. Isto, porque a proposta de intervenção passa pela criação de instalações complementares, ou ampliação da Academia de Música José Atalaya, que neste momento funciona do outro lado da rua, no edifício do Teatro-Cinema.

Em conclusão, a elaboração deste trabalho de projeto foi uma mais-valia enquanto fafense e, ao nível da formação e técnica, movido pelo interesse pelo património e pelo tema da reabilitação urbana.

## 7. Bibliografia

ARAUJO Carvalho – A Academia de Música de S. João da Madeira. In <https://www.carvalhoaraujo.com/project-detail/academia-de-musica/>. 19 de outubro 2016.

COIMBRA, Artur Ferreira – Fafe: A Terra e a Memória. Fafe: Camara Municipal de Fafe, 1997. ISBN 72-95027-9-X.

COIMBRA, Artur Ferreira – FAFE, MEU AMOR: Textos e imagens sobre o Concelho. Fafe: Freguesia de Fafe, 2013

COIMBRA, Artur Ferreira – SALA DE VISITAS DO MINHO: Laura Soares Summavielle: republicana fafense de dimensão nacional). In <http://saladevisitasdominho.blogspot.pt/2011/04/laurasoressummaviellerepublicana.html>. 12 de fevereiro 2016.

COSTA, Flávio Teixeira - Reabilitação de um edifício no núcleo histórico de Braga. Guimarães: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho. 2016. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

SILVA, José Mário Ribeiro - Fafe: Monografia da Freguesia e Cidade de Fafe. 3ª edição. Fafe: Junta de Freguesia, [2013].

FONSECA, Alexandra Filipa Novais Moreira – Reabilitação do Património Edificado: A Arquitetura dos 'brasileiros'. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 2016. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

GONÇALVES, Chantelle Viana – Reabilitação de Caixilharias de Edifícios Antigos. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. 2010. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil.

MARTINHO, Jesus – Falaf Magazine: CASAS «BRASILEIRAS» DE FAFE (1). In <http://falafcult.blogspot.pt/2010/10/casadejoseflorenciosoares.html>. 12 de fevereiro 2016.

MARTINHO, Jesus – Falaf Magazine: TEATROCINEMA – “NÃO HÁ BELA SEM SENÃO” In <http://falafcult.blogspot.pt/2014/04/teatrocinemanaohabelasemsenao.html>. 12 de fevereiro 2016.

MONTEIRO, Miguel – Fafe dos Brasileiros (1860 – 1930): Perspectiva Histórica e Patrimonial. Fafe: [s.n] / 1991. ISBN 972-95516-0-X

MONTEIRO, Miguel – Migrantes, Emigrantes e “Brasileiros” de Fafe (1834 – 1926). Fafe: Edição de Autor. 8ª edição, 2000.

MOTA, Tiago – Caderno Técnico nº4: Reabilitação e conservação do património arquitectónico, Lisboa: Ordem dos Arquitectos Secção Regional Sul, 2016. ISBN 978-972-8897-49-9

PEIXOTO, Paula Torres – A casa do “Brasileiro”: Subsídios para o seu estudo. Lisboa: ULFL, 1992. Dissertação em Mestrado em História da Arte.

PEIXOTO, Paula Torres - Património de origem filantrópica: Contributo dos brasileiros. Porto: Universidade Lusíada, 2012.

PÓVOAS, António - A reabilitação como processo de preservação cultural e patrimonial: a herança arquitectónica e urbana da cidade de Fafe. Fafe: Kairos, 2011.

TAVARES, Domingos – Casas de Brasileiro: Erudito e Popular na Arquitectura dos Torna-Viagem. Dafne Editora, 2015. ISBN: 9789898217318

TAVARES, Domingos – Palacete Marques Gomes. Porto: Dafne Editora | Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2015.

TAVARES Alice, COSTA Anibal, VARUM Humberto - Manual de Reabilitação e Manutenção de Edifícios, Guia de intervenção: Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, Inovadomus. 2011.

TEIXEIRA, Ana Isabel Freitas – Requalificação do Palacete Manuel Rodrigues Alves: Re – Integração do Palacete no Quotidiano da Cidade. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho. 2016. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

SANTANA, Maria João Trigo – As preexistências na obra de Eduardo Souto de Moura: o Mercado Municipal de Braga. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 2013. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.



- LEGENDA:
- Casa José Florêncio Soares
- Equipamentos Municipais
- I. Biblioteca Municipal de Fafe
  - II. Pavilhão Municipal de Fafe
  - III. Teatro Cinema de Fafe
  - IV. Hospital de S. José
- Casas de Arquitectura "Brasileira"
- 1. Casa Constança Lobo
  - 2. Casa José Luís Mendes de Oliveira e Castro
  - 3. Casa dos Anzures
  - 4. Casa José Aires de Freitas
  - 5. Casa José António Martins Guimarães
  - 6. Casa Álvaro Monteiro Vieira de Castro



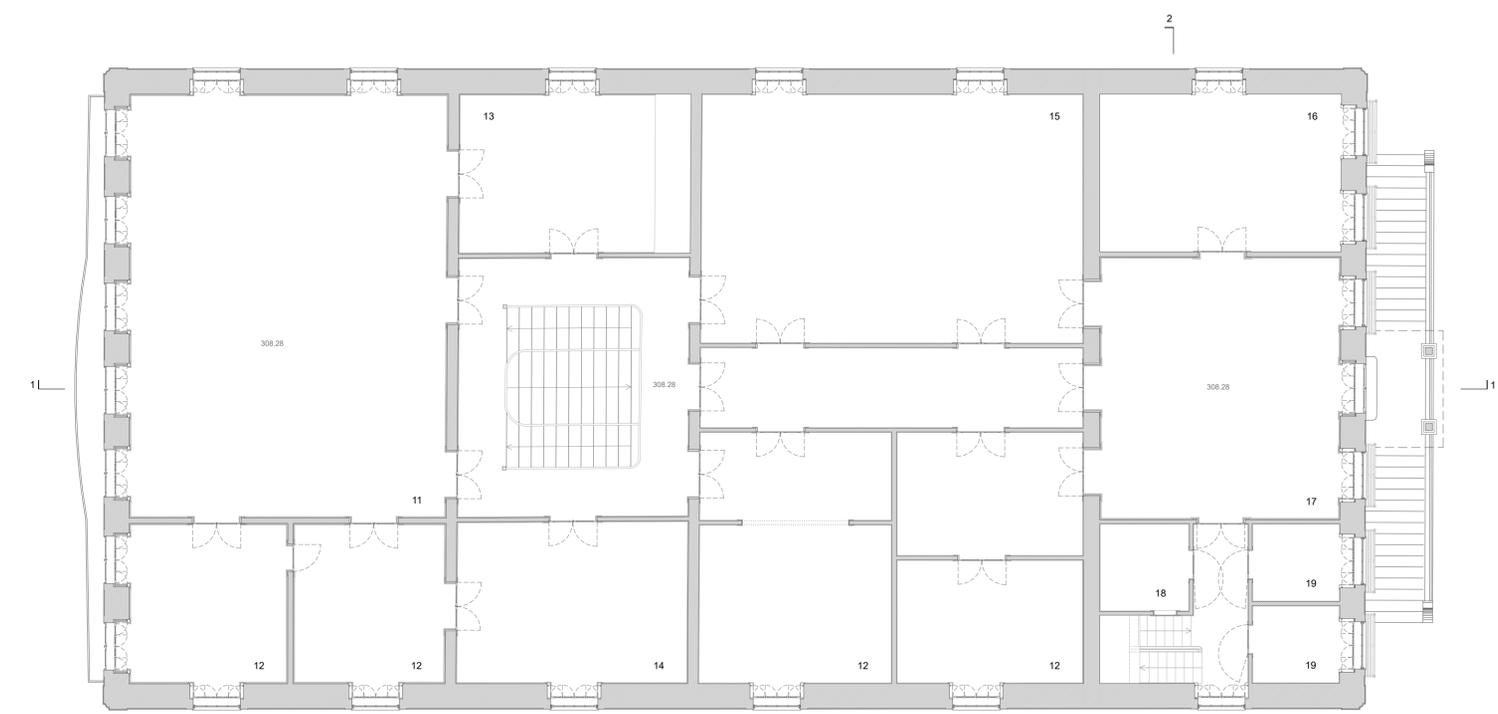
Universidade do Minho  
Faculdade de Arquitectura, Urbanismo e Design

**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

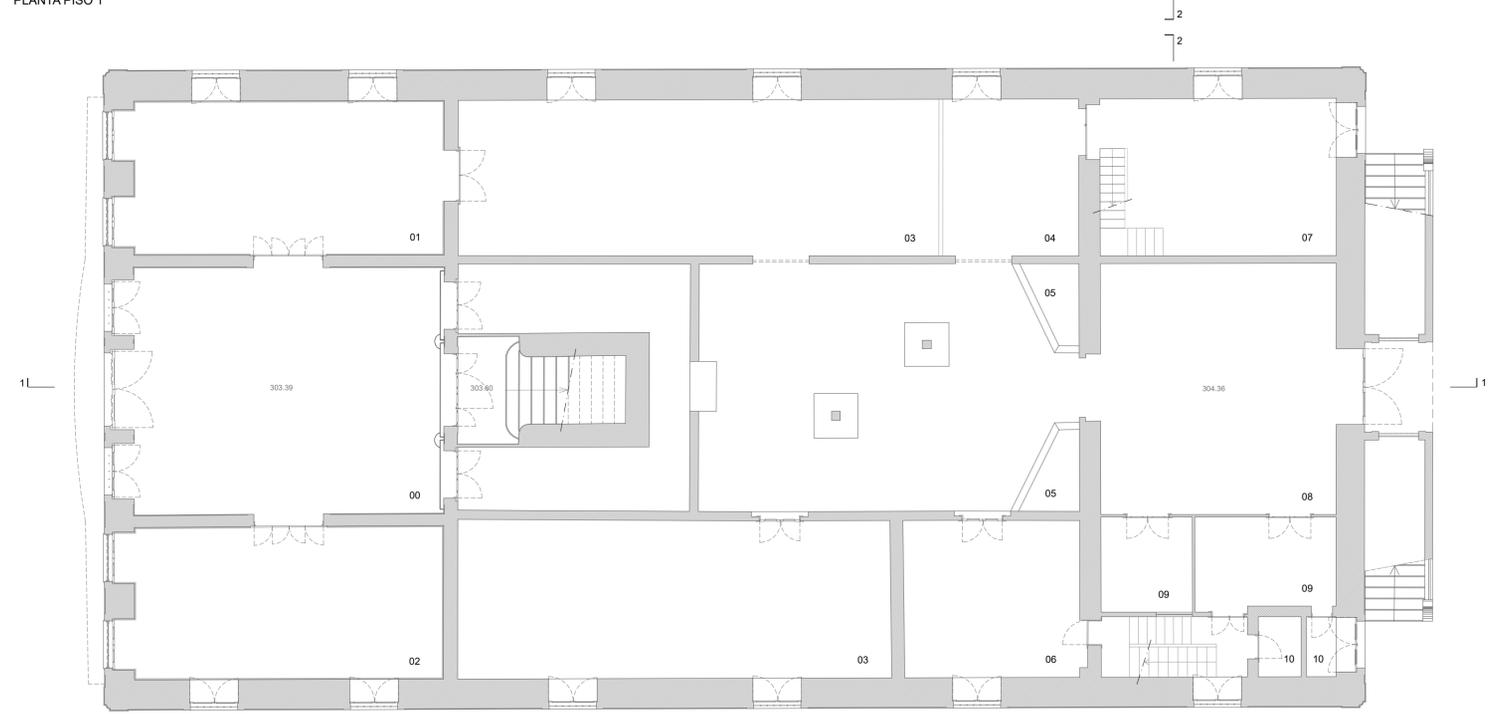
PROJETO:  
 Manutenção e Reintegração:  
 Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REF: 1:500 1:500

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUÍS MANUEL LOPES CUNHA | 03/24



PLANTA PISO 1



PLANTA PISO 0

- LEGENDA:
- 00 - Vestibulo
  - 01 - Escritório fábrica
  - 02 - Escritório advogado
  - 03 - Armazenamento
  - 04 - Arrumos
  - 05 - Lagares
  - 06 - Arrumos
  - 07 - Cozinha funcionários + Caldeira
  - 08 - Garagem
  - 09 - Quarto funcionários
  - 10 - I.S funcionários
  - 11 - Salão Nobre
  - 12 - Quartos proprietários
  - 13 - Capela
  - 14 - Sala de visitas
  - 15 - Sala de jantar
  - 16 - Cozinha
  - 17 - Sala de estar
  - 18 - Arrumos
  - 19 - I.S
  - 20 - Quarto funcionários
  - 21 - I.S funcionários
  - 22 - Arrumos

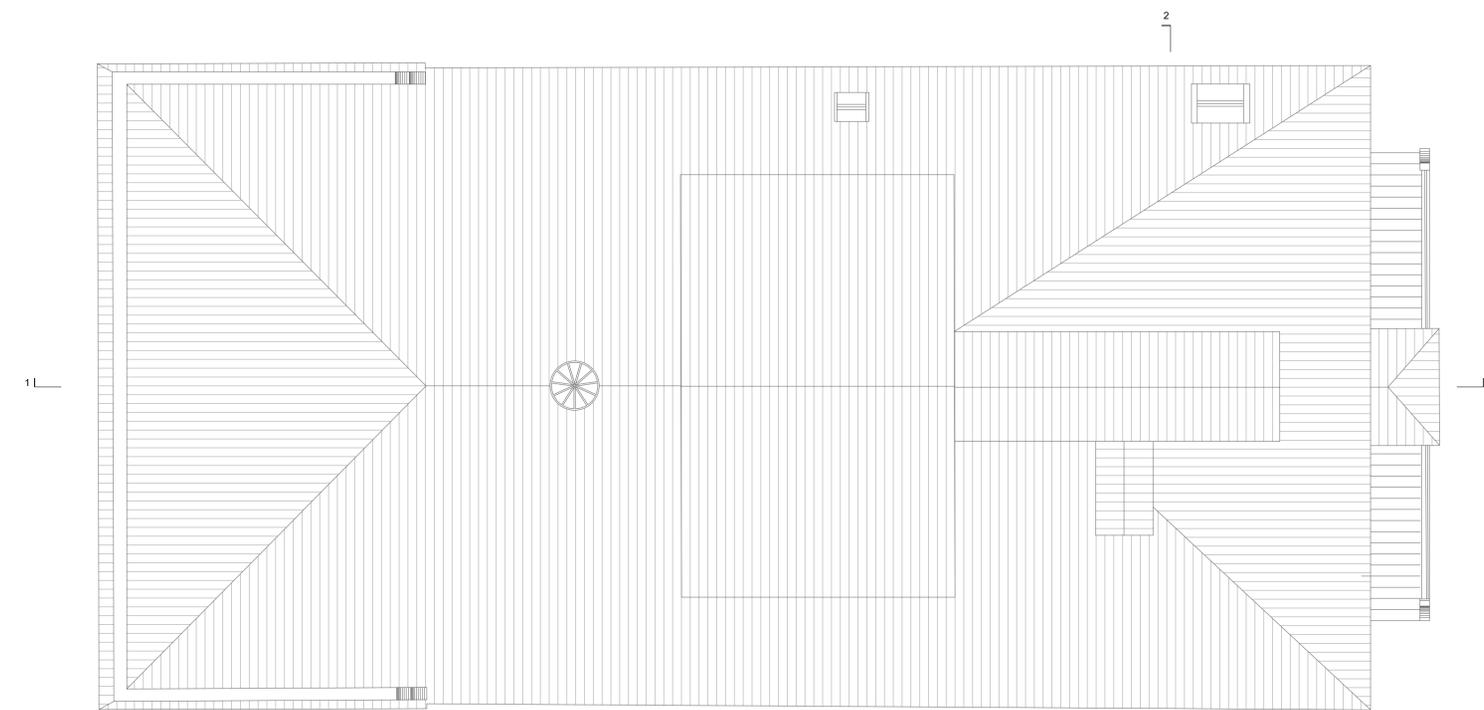


Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura, Arte e Design

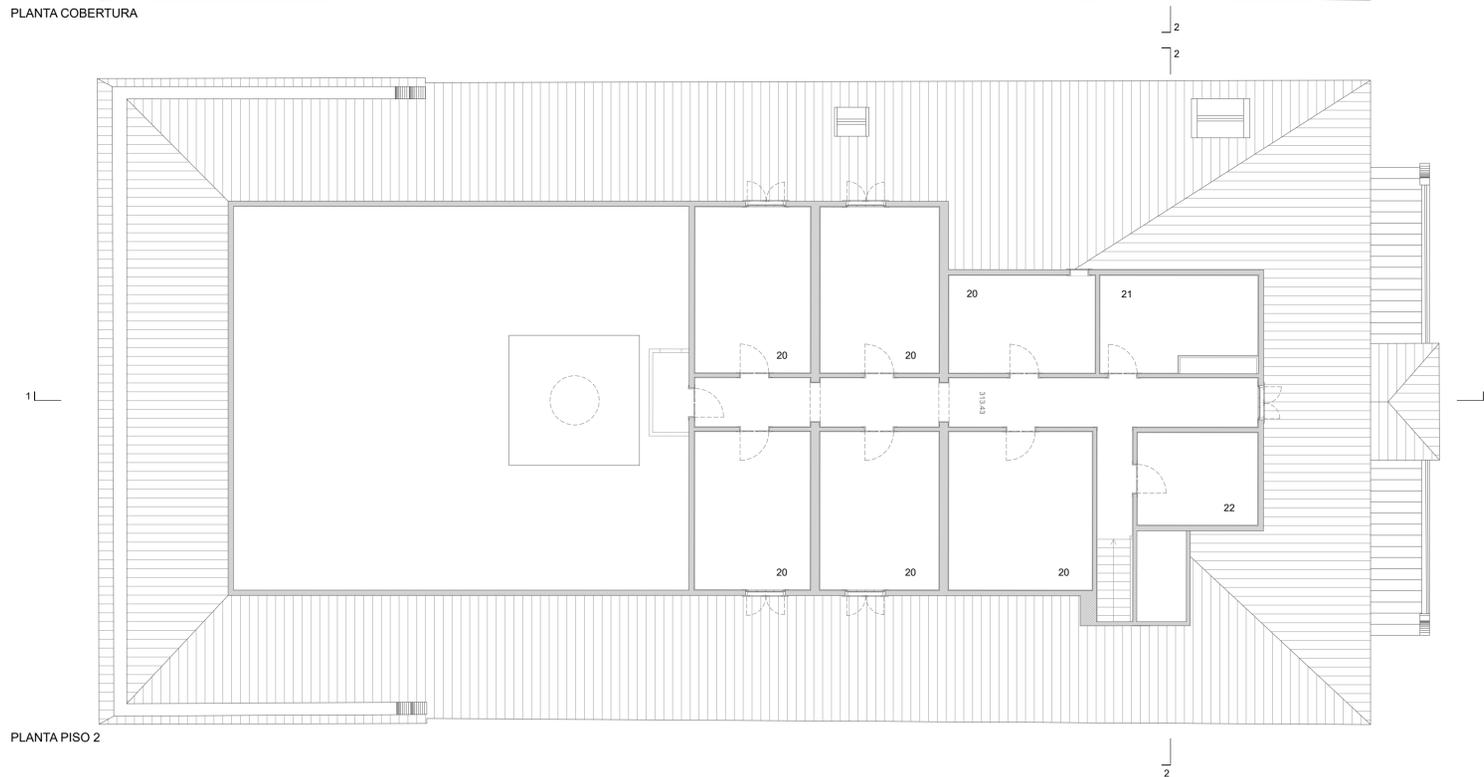
### CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES

PROJETO:  
Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REF: 1:100 2.01  
LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 63524



PLANTA COBERTURA



PLANTA PISO 2

LEGENDA:

- 00 - Vestibulo
- 01 - Escritório fábrica
- 02 - Escritório advogado
- 03 - Armazenamento
- 04 - Arrumos
- 05 - Lagares
- 06 - Arrumos
- 07 - Cozinha funcionários + Caldeira
- 08 - Garagem
- 09 - Quarto funcionários
- 10 - I.S funcionários
- 11 - Salão Nobre
- 12 - Quartos proprietários
- 13 - Capela
- 14 - Sala de visitas
- 15 - Sala de jantar
- 16 - Cozinha
- 17 - Sala de estar
- 18 - Arrumos
- 19 - I.S
- 20 - Quarto funcionários
- 21 - I.S funcionários
- 22 - Arrumos



Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura, Arte e Design

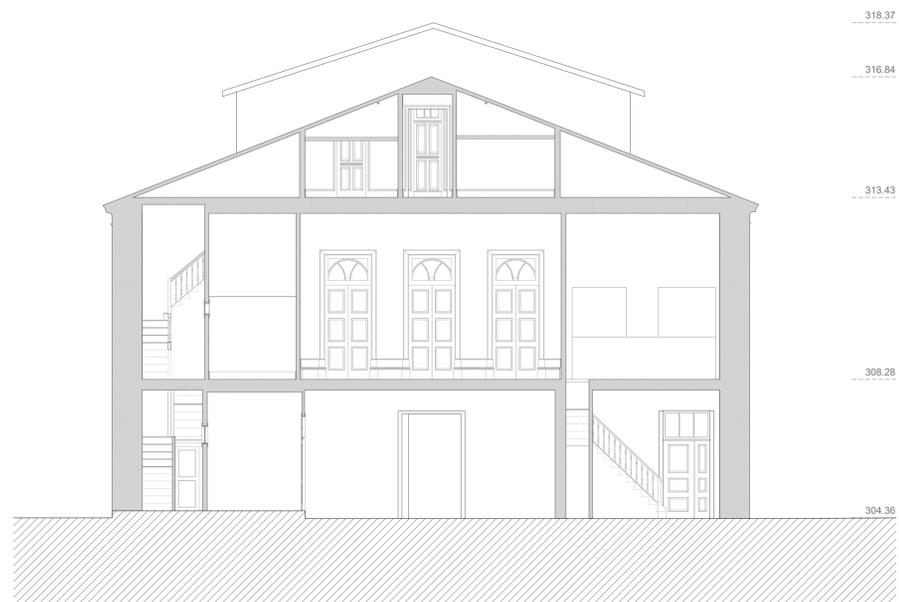
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO:  
Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REF:   
Plantas Piso 2 e Cobertura - Existente 1:100 2.02  
LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 63524



CORTE LONGITUDINAL 1



CORTE TRANSVERSAL 2

LEGENDA

- 00 - Vestibulo
- 01 - Escritório fábrica
- 02 - Escritório advogado
- 03 - Armazenamento
- 04 - Arrumos
- 05 - Lagares
- 06 - Arrumos
- 07 - Cozinha funcionários + Caldeira
- 08 - Garagem
- 09 - Quarto funcionários
- 10 - I.S funcionários
- 11 - Salão Nobre
- 12 - Quartos proprietários
- 13 - Capela
- 14 - Sala de visitas
- 15 - Sala de jantar
- 16 - Cozinha
- 17 - Sala de estar
- 18 - Arrumos
- 19 - I.S
- 20 - Quarto funcionários
- 21 - I.S funcionários
- 22 - Arrumos



Universidade do Minho  
Escola de Arquitetura, Arte e Design

**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

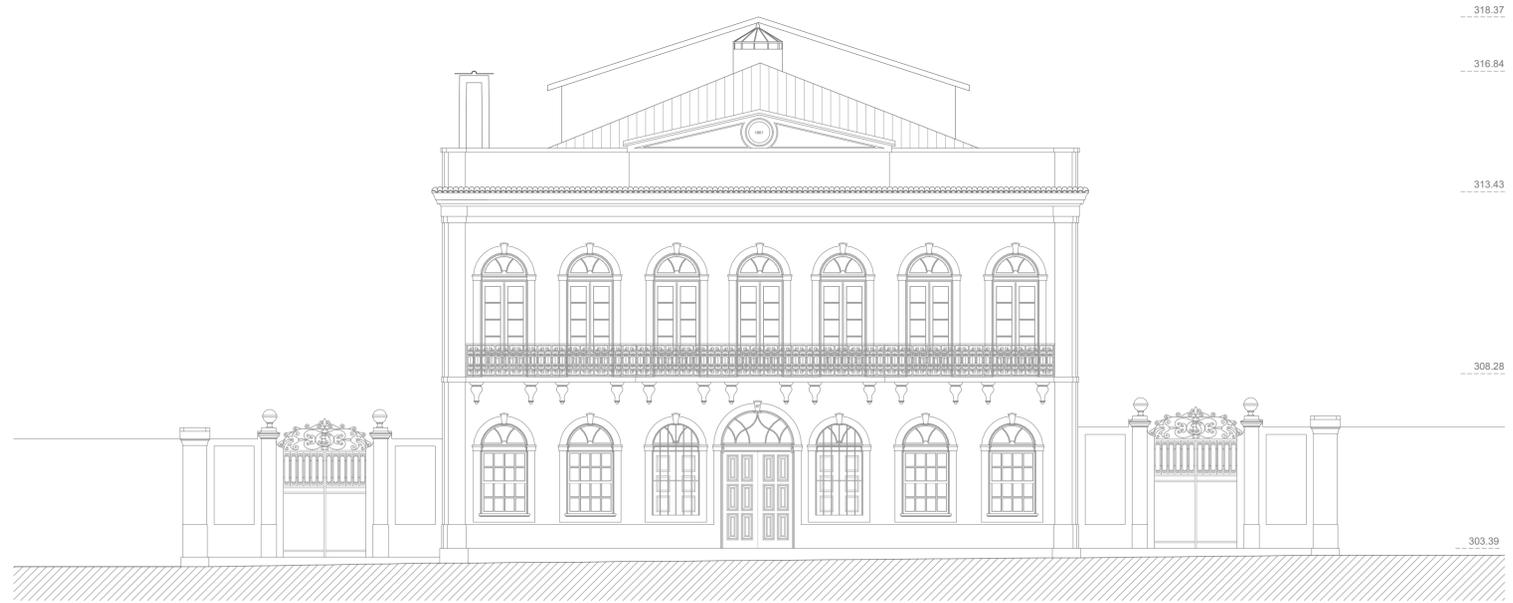
PROJETO

Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

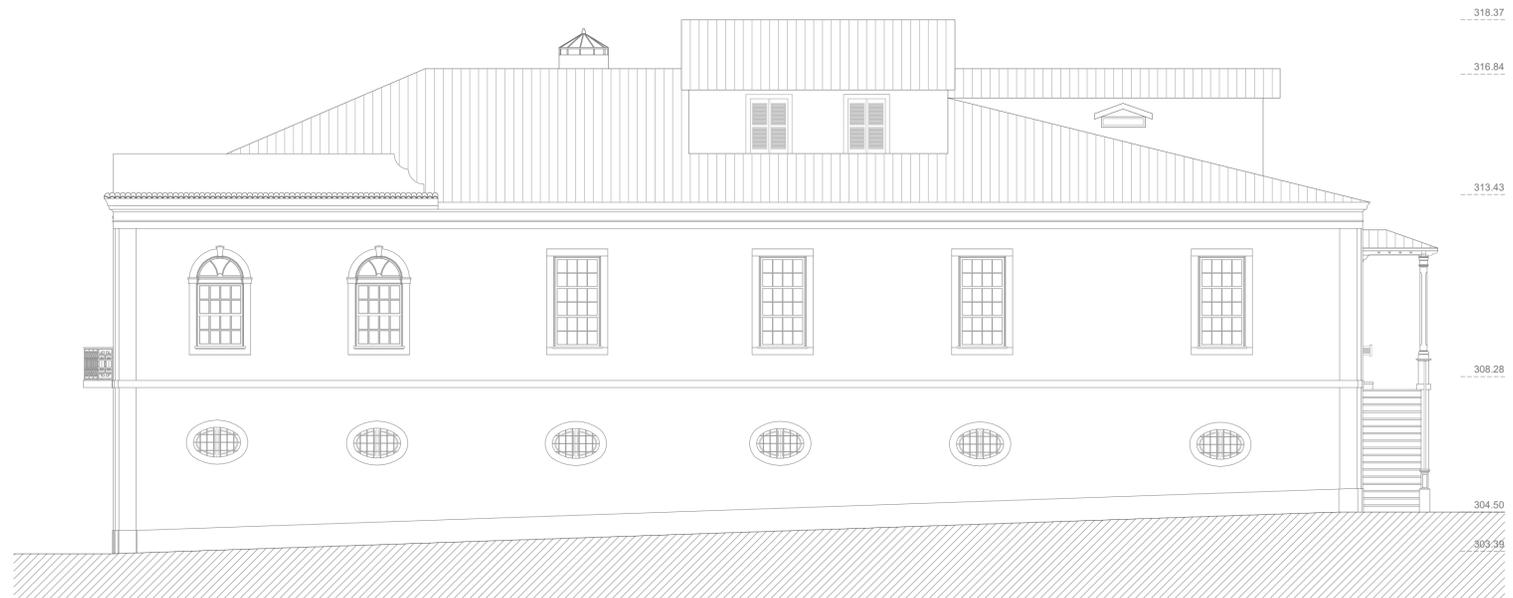
DESENHO: ESC: REF:

Cortes 1 e 2 - Existente 1:100 2.03

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 63524



ALÇADO OESTE



ALÇADO SUL

- LEGENDA
- 00 - Vestibulo
  - 01 - Escritório fábrica
  - 02 - Escritório advogado
  - 03 - Armazenamento
  - 04 - Arrumos
  - 05 - Lagares
  - 06 - Arrumos
  - 07 - Cozinha funcionários + Caldeira
  - 08 - Garagem
  - 09 - Quarto funcionários
  - 10 - I.S funcionários
  - 11 - Salão Nobre
  - 12 - Quartos proprietários
  - 13 - Capela
  - 14 - Sala de visitas
  - 15 - Sala de jantar
  - 16 - Cozinha
  - 17 - Sala de estar
  - 18 - Arrumos
  - 19 - I.S
  - 20 - Quarto funcionários
  - 21 - I.S funcionários
  - 22 - Arrumos



Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura, Arte e Design

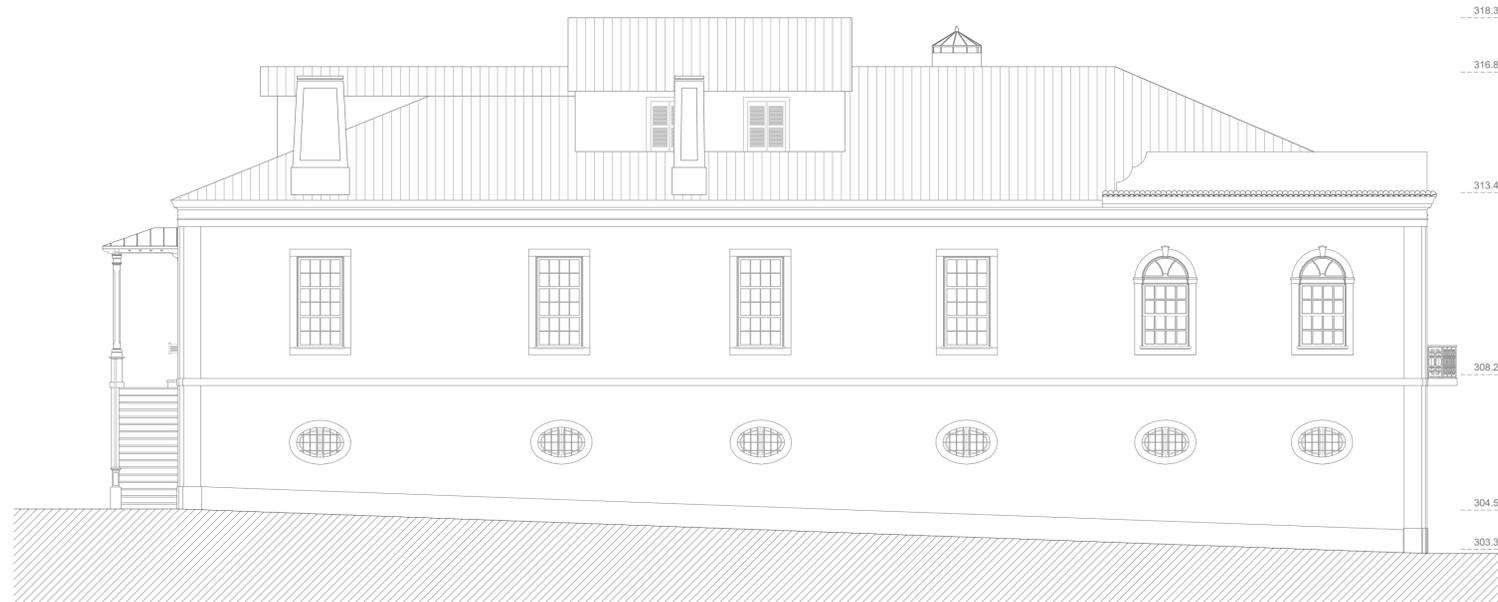
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO:  
Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REF:   
Alçados Oeste e Sul - Existente 1:100 2.04



ALÇADO ESTE



ALÇADO NORTE

LEGENDA:

- 00 - Vestibulo
- 01 - Escritório fábrica
- 02 - Escritório advogado
- 03 - Armazenamento
- 04 - Arrumos
- 05 - Lagares
- 06 - Arrumos
- 07 - Cozinha funcionários + Caldeira
- 08 - Garagem
- 09 - Quarto funcionários
- 10 - I.S funcionários
- 11 - Salão Nobre
- 12 - Quartos proprietários
- 13 - Capela
- 14 - Sala de visitas
- 15 - Sala de jantar
- 16 - Cozinha
- 17 - Sala de estar
- 18 - Arrumos
- 19 - I.S
- 20 - Quarto funcionários
- 21 - I.S funcionários
- 22 - Arrumos



Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura, Arte e Design

**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO:

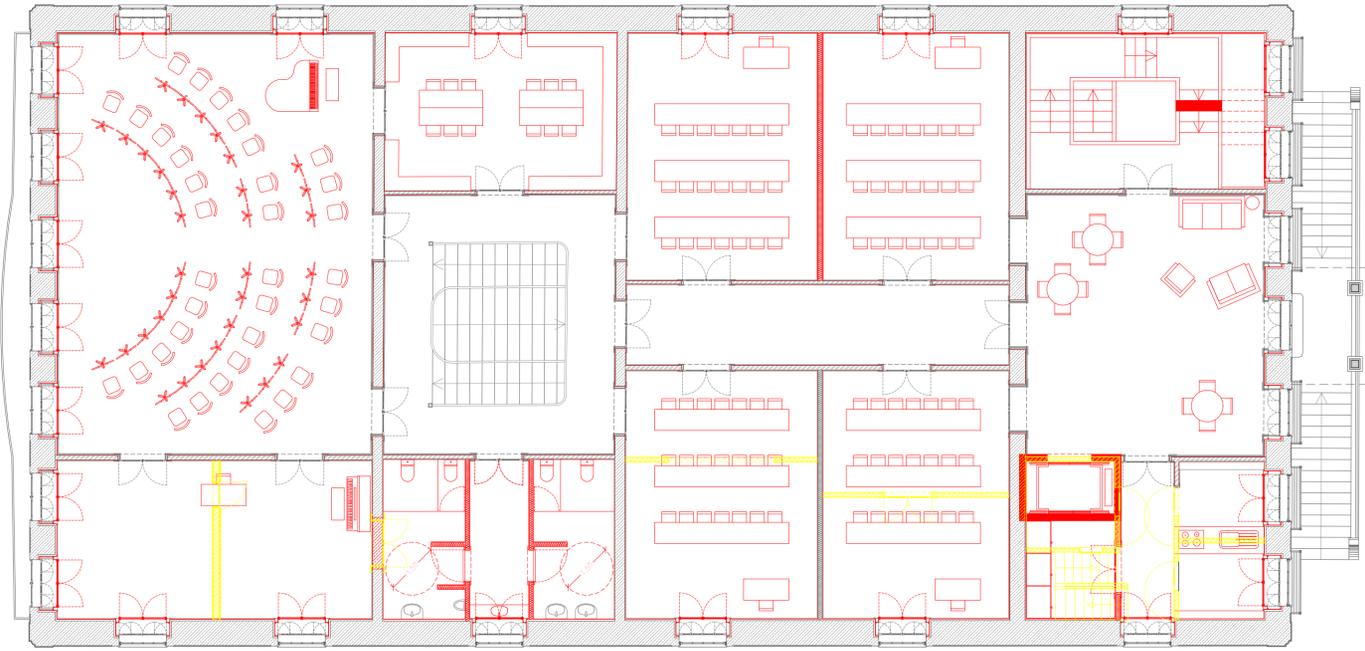
Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REF:

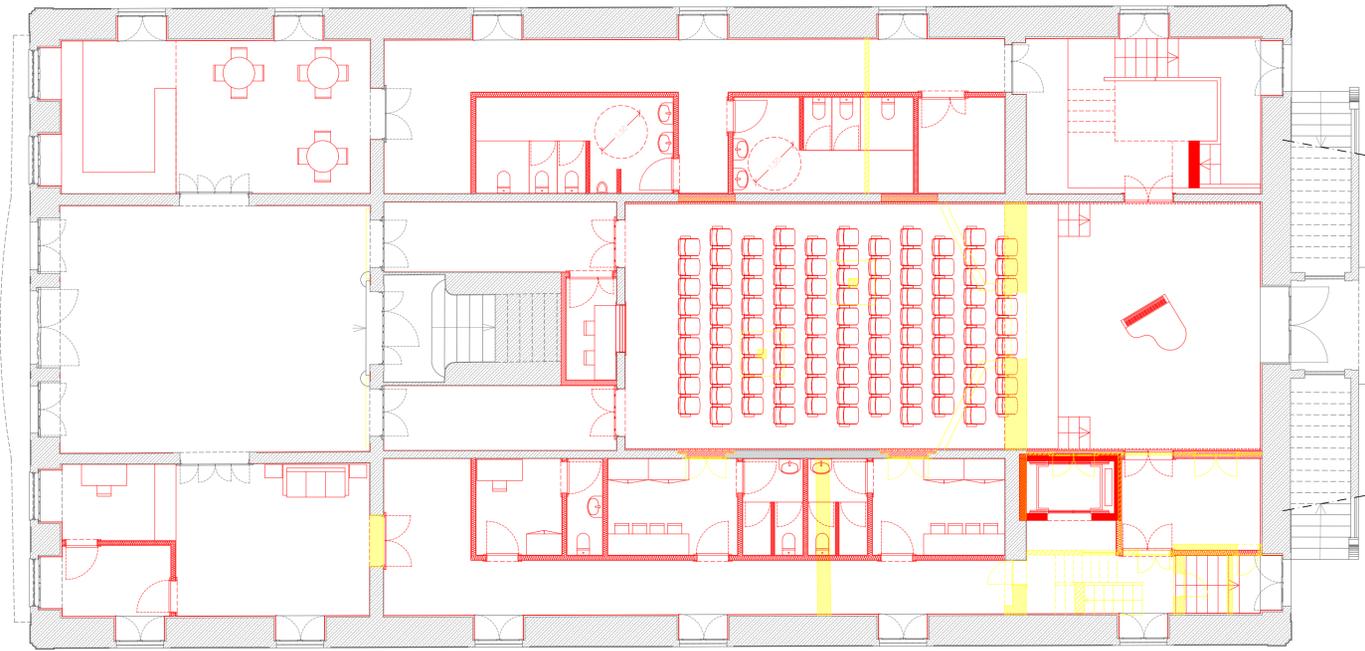
Alçados Este e Norte - Existente

1:100 2.05

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 63524



PLANTA PISO 1



PLANTA PISO 0

- LEGENDA:
-  Preservar
  -  Demolir
  -  Proposto

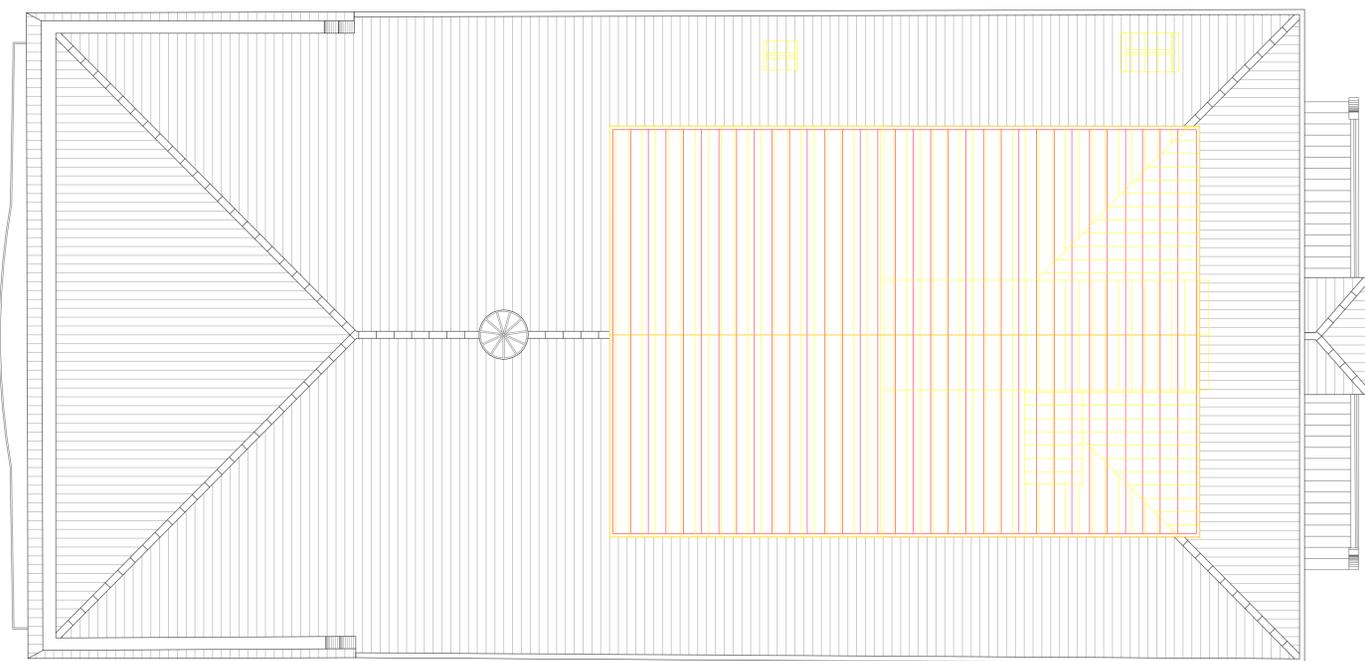


Universidade do Minho  
Escola de Arquitetura, Arte e Design

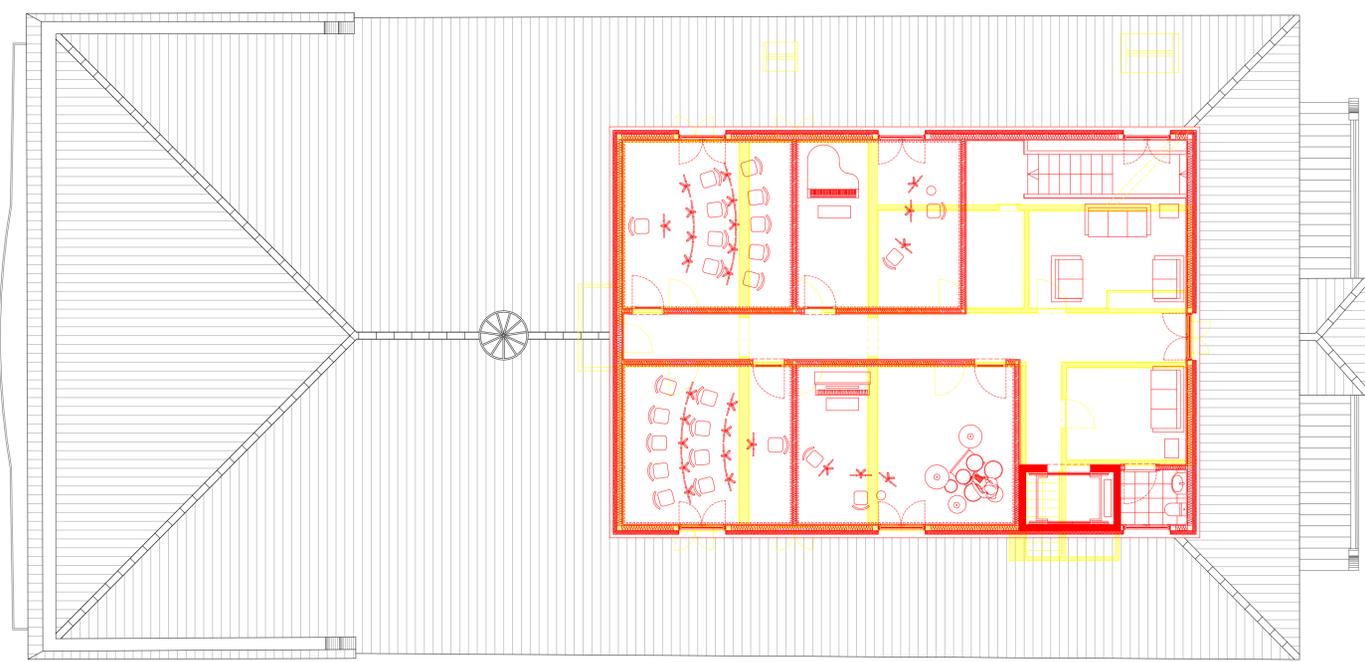
### CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES

PROJETO:  
Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REF: 1:100 3.01  
LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 63524



PLANTA COBERTURA



PLANTA PISO 2

- LEGENDA:
-  Preservar
  -  Demolir
  -  Proposto



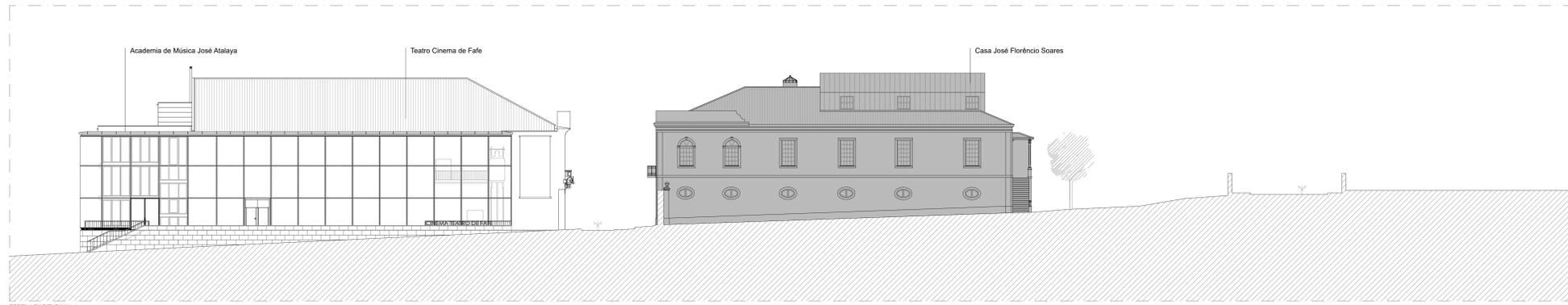
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO:  
Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REF:   
Plantas Piso 2 e Cobertura - Alterações 1:100 3.02  
LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 63524



PLANTA IMPLANTAÇÃO



PERFIL LONGITUDINAL 1

LEGENDA  
 - - - Limite da Parcela  
 ■ Área de Intervenção e Requalificação



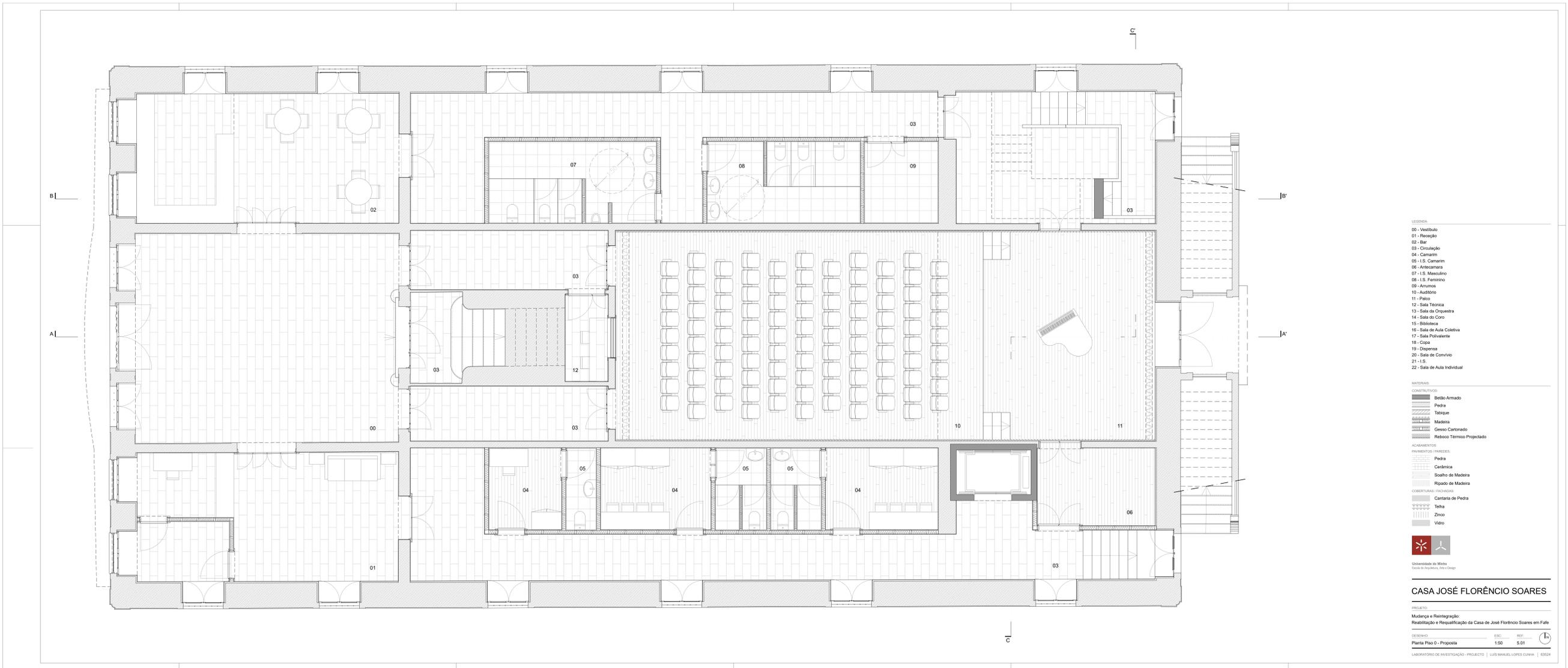
Universidade do Minho  
 Faculdade de Arquitectura

**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

OBJETIVO  
 Manutenção e Reintegração:  
 Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO	ESC.	REP.
Planta Implantação - Proposta	1:200	4.00

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | VÍTOR MANUEL LOPES DUARTE | 2024



- LEGENDA
- 00 - Vestibulo
  - 01 - Recepção
  - 02 - Bar
  - 03 - Circulação
  - 04 - Camarin
  - 05 - I.S. Camarin
  - 06 - Antecâmara
  - 07 - I.S. Masculino
  - 08 - I.S. Feminino
  - 09 - Armazem
  - 10 - Auditorio
  - 11 - Passo
  - 12 - Sala Técnica
  - 13 - Sala da Orquestra
  - 14 - Sala do Coro
  - 15 - Biblioteca
  - 16 - Sala de Aula Coletiva
  - 17 - Sala Polivalente
  - 18 - Copa
  - 19 - Dispensa
  - 20 - Sala de Convívio
  - 21 - I.S.
  - 22 - Sala de Aula Individual

- MATERIAIS
- CONSTRUTIVOS
- Betão Armado
  - Pedra
  - Mármor
  - Madeira
  - Gesso Cartonado
  - Reboco Térmico Projectado
- ACABAMENTOS
- PREVISTOS / PROPOSTOS
- Pedra
  - Cerâmica
  - Solho de Madeira
  - Rijado de Madeira
- COBERTURAS / PISOS
- Cantaria de Pedra
  - Telha
  - Zinco
  - Vidro



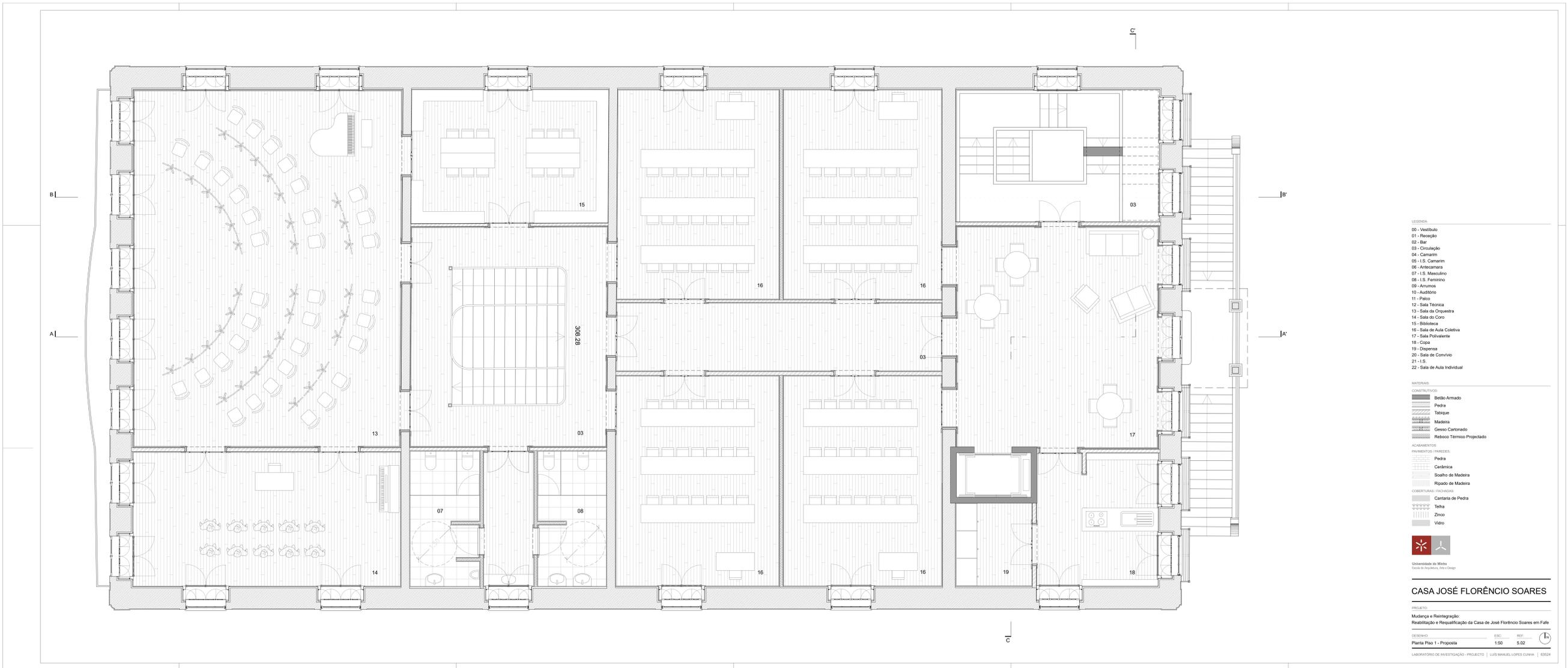
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO

Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REP: 150 5.01

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 63524



- LEGENDA
- 00 - Vestibulo
  - 01 - Recepção
  - 02 - Bar
  - 03 - Circulação
  - 04 - Corrimão
  - 05 - I.S. Camarim
  - 06 - Antecâmara
  - 07 - I.S. Masculino
  - 08 - I.S. Feminino
  - 09 - Anfiteatro
  - 10 - Auditório
  - 11 - Passo
  - 12 - Sala Técnica
  - 13 - Sala da Orquestra
  - 14 - Sala do Coro
  - 15 - Biblioteca
  - 16 - Sala de Aula Coletiva
  - 17 - Sala Polivalente
  - 18 - Cozinha
  - 19 - Despensa
  - 20 - Sala de Convívio
  - 21 - I.S.
  - 22 - Sala de Aula Individual

- MATERIAIS
- CONSTRUTIVOS
- Betão Armado
  - Pedra
  - Tijolo
  - Madeira
  - Gesso Cartonado
  - Reboço Térmico Projectado
- ACABAMENTOS
- PAREDE/TELHADO
- Pedra
  - Cerâmica
  - Soalho de Madeira
  - Ripado de Madeira
- CUBERTURAS/PROTEÇÕES
- Carta de Pedra
  - Telha
  - Zinco
  - Vidro



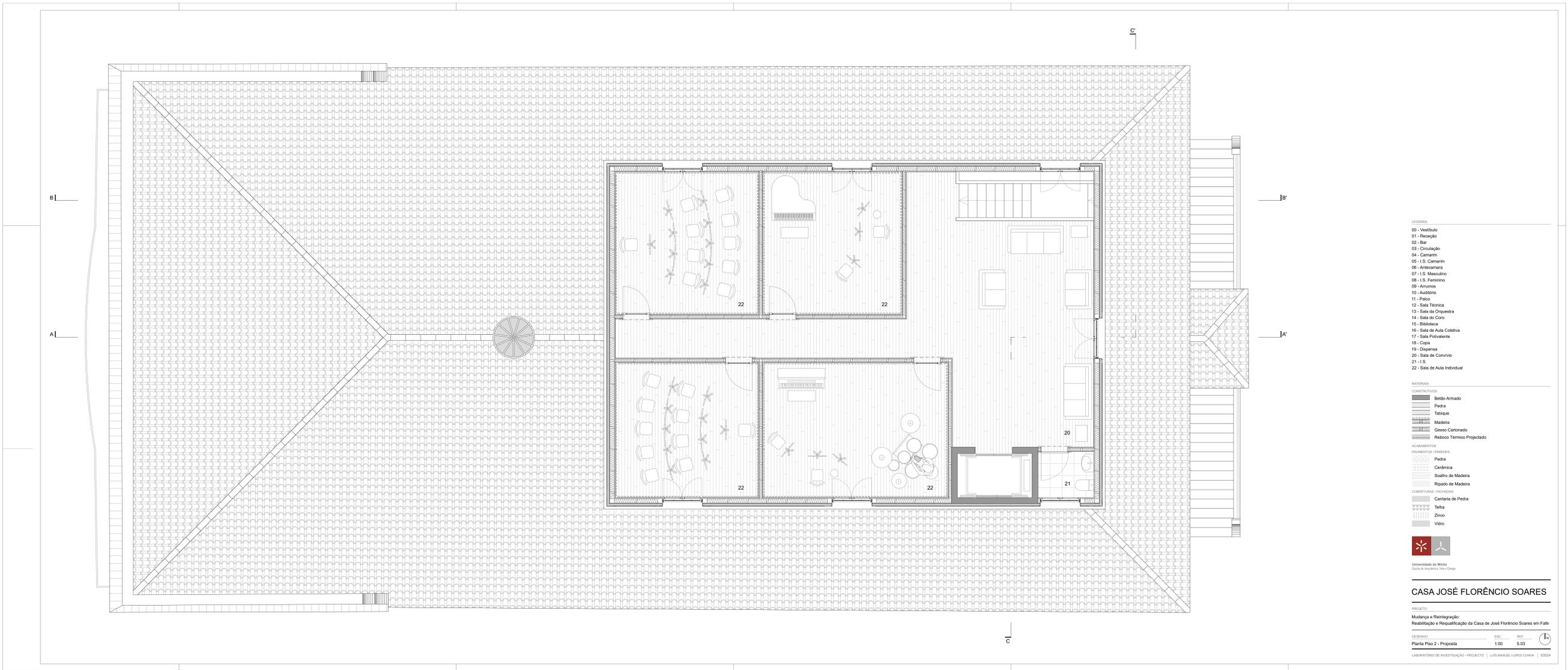
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

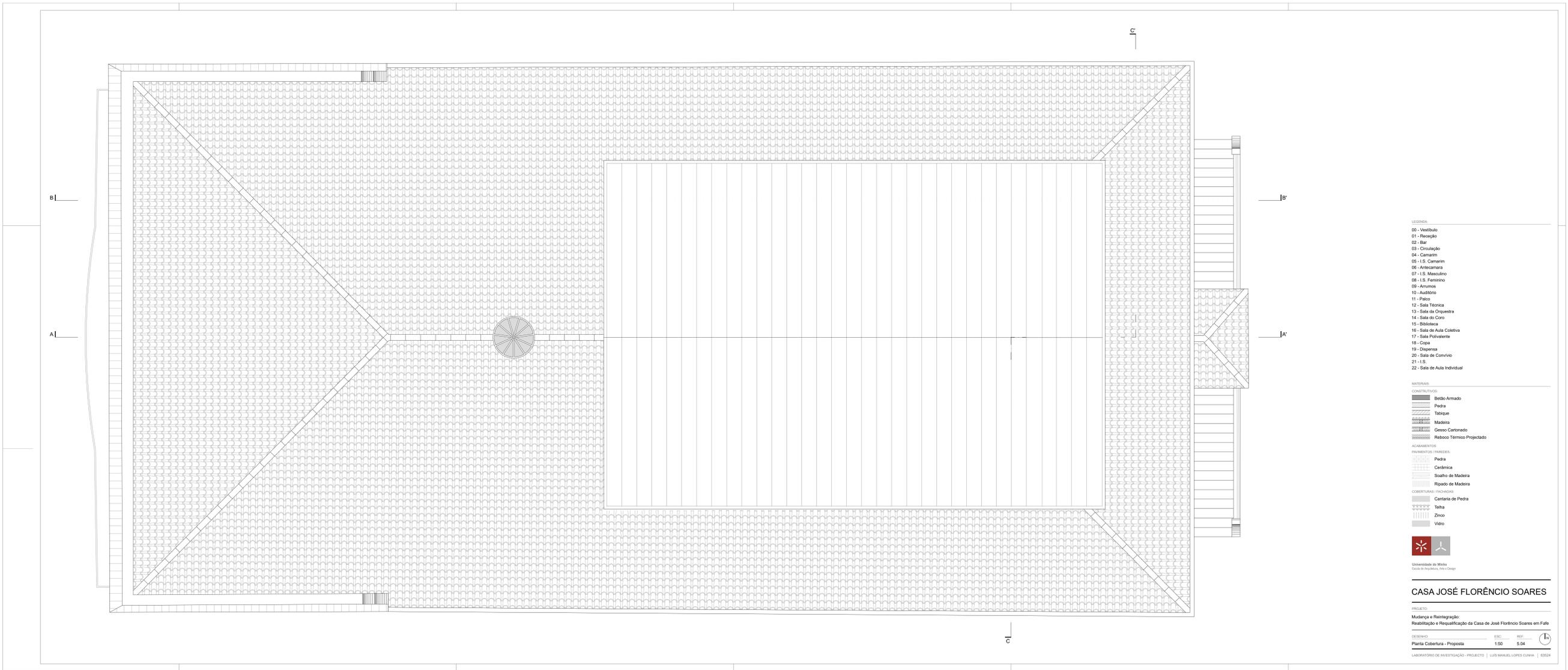
PROJETO

Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC. DEP. 150 5.02

LABORATORIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 83524





- LEGENDA
- 00 - Vestibulo
  - 01 - Recepção
  - 02 - Bar
  - 03 - Circulação
  - 04 - Camarin
  - 05 - I.S. Camarin
  - 06 - Antecâmara
  - 07 - I.S. Masculino
  - 08 - I.S. Feminino
  - 09 - Armazem
  - 10 - Auditório
  - 11 - Passo
  - 12 - Sala Técnica
  - 13 - Sala da Orquestra
  - 14 - Sala do Coro
  - 15 - Biblioteca
  - 16 - Sala de Aula Coletiva
  - 17 - Sala Polivalente
  - 18 - Copa
  - 19 - Dispensa
  - 20 - Sala de Convívio
  - 21 - I.S.
  - 22 - Sala de Aula Individual

- MATERIAIS
- CONSTRUTIVOS
- Betão Armado
  - Pedra
  - Mármore
  - Madeira
  - Gesso Cartonado
  - Reboco Térmico Projectado
- ACABAMENTOS
- PARQUETOS / PAVIMENTOS
- Pedra
  - Cerâmica
  - Solho de Madeira
  - Rijado de Madeira
- COBERTURAS / FORRO
- Cantaria de Pedra
  - Telha
  - Zinco
  - Vidro



**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO

Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: RES: 150 5.04

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 0324





- MATERIAS
- CONSTRUTIVAS
- Betão Armado
  - Pedra
  - Tijolo
  - Madeira
  - Gesso Cartonado
  - Reboço Térmico Projectado
- ACABAMENTOS
- PARQUETOS/PAREDES
- Pedra
  - Cerâmica
  - Soalho de Madeira
  - Ripado de Madeira
- COBERTURAS/TELHADOS
- Carta de Pedra
  - Telha
  - Zinco
  - Vidro

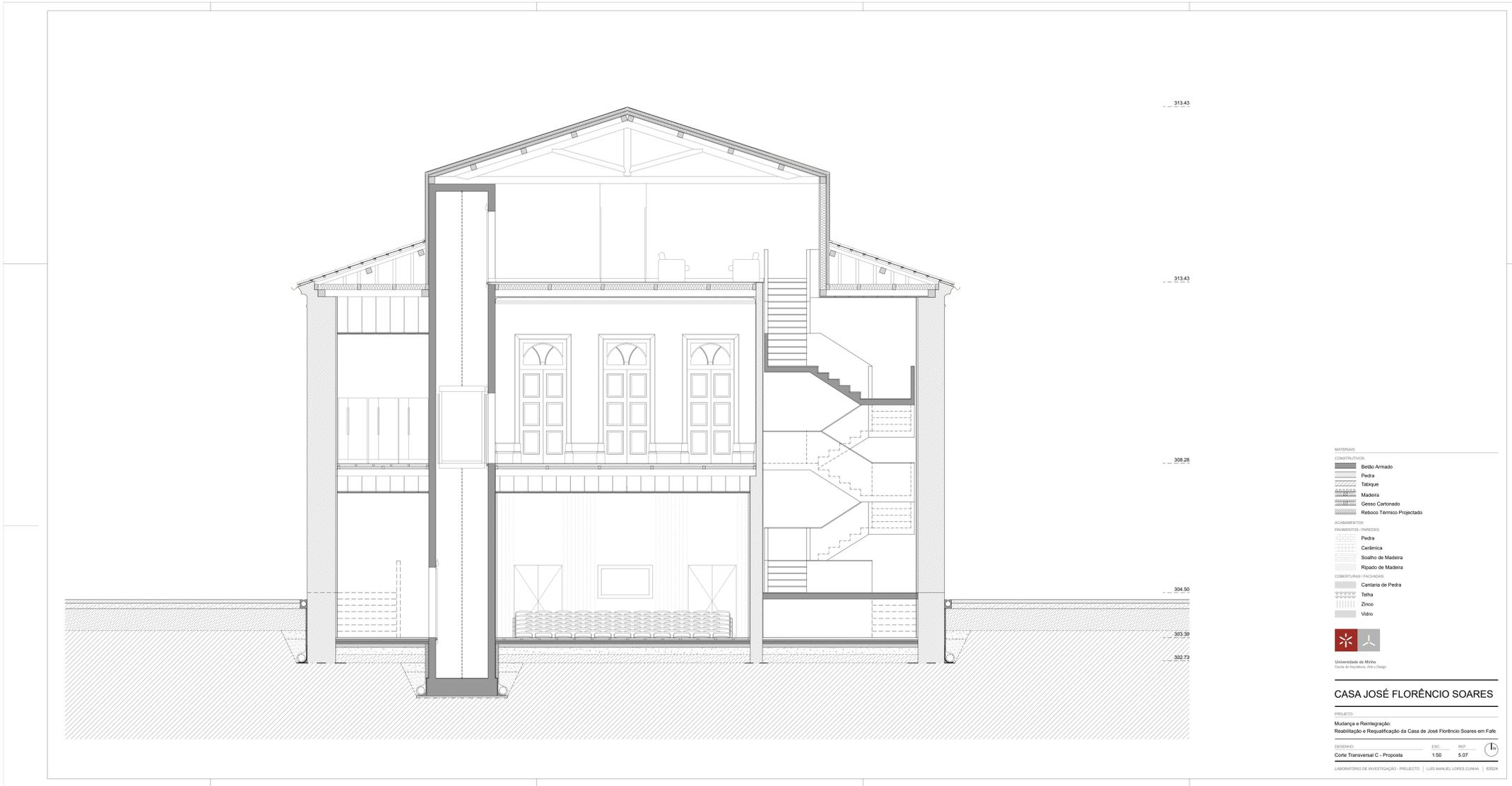
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

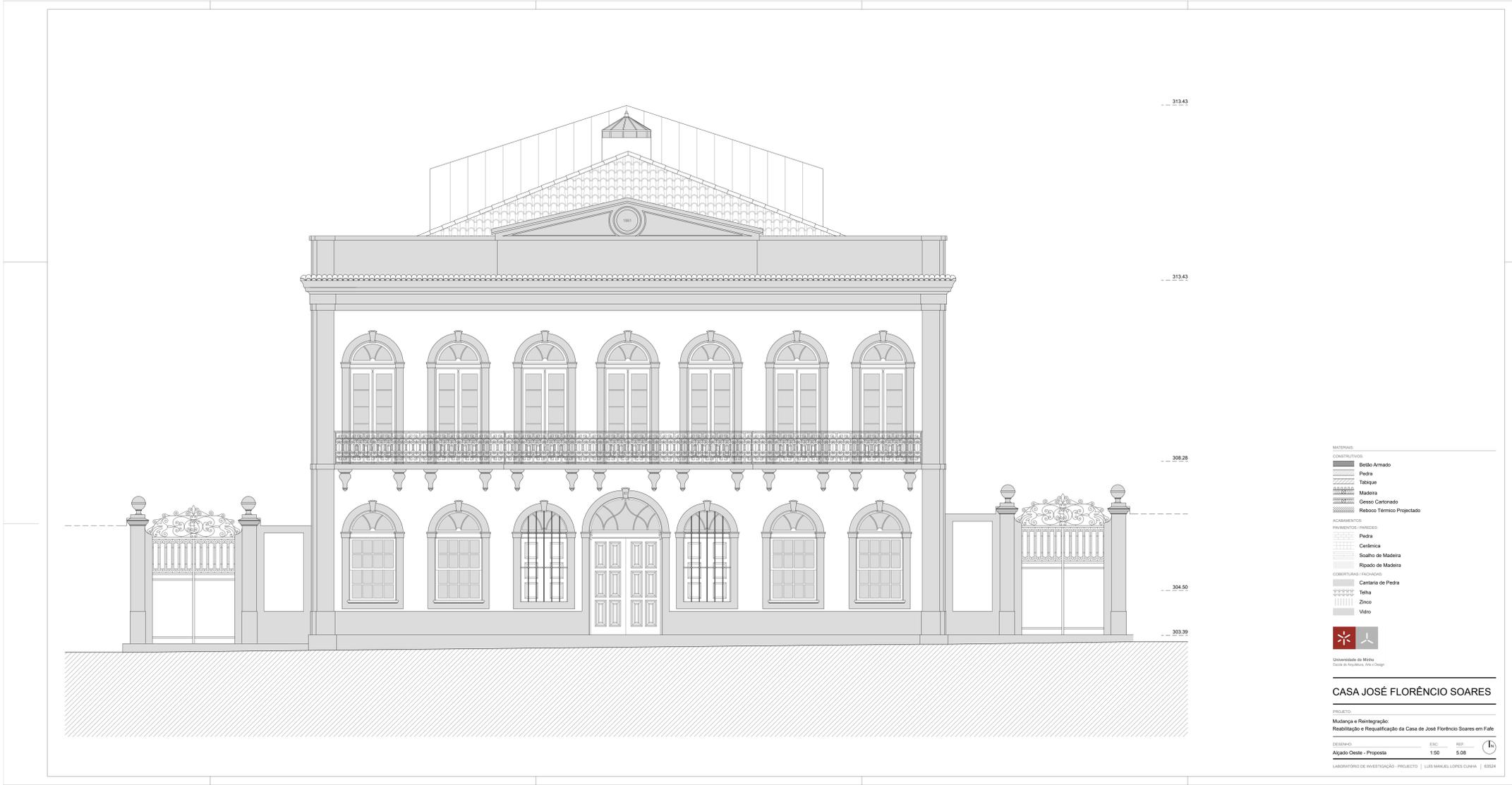
PROJETO

Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REP: 150 5.08

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 6324





- MATERIAIS
- CONSTITUTIVOS
- Beirão Armado
  - Pedra
  - Talipa
  - Madeira
  - Gesso Carbonado
  - Reboco Térmico Projectado
- ACABAMENTOS
- FINISAMENTOS FINISADOS
- Pedra
  - Cerâmica
  - Solho de Madeira
  - Ripado de Madeira
- COBERTURAS
- TRADICIONAIS
- Cantaria de Pedra
  - Telha
  - Zinco
  - Vidro

Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura, Arte e Design

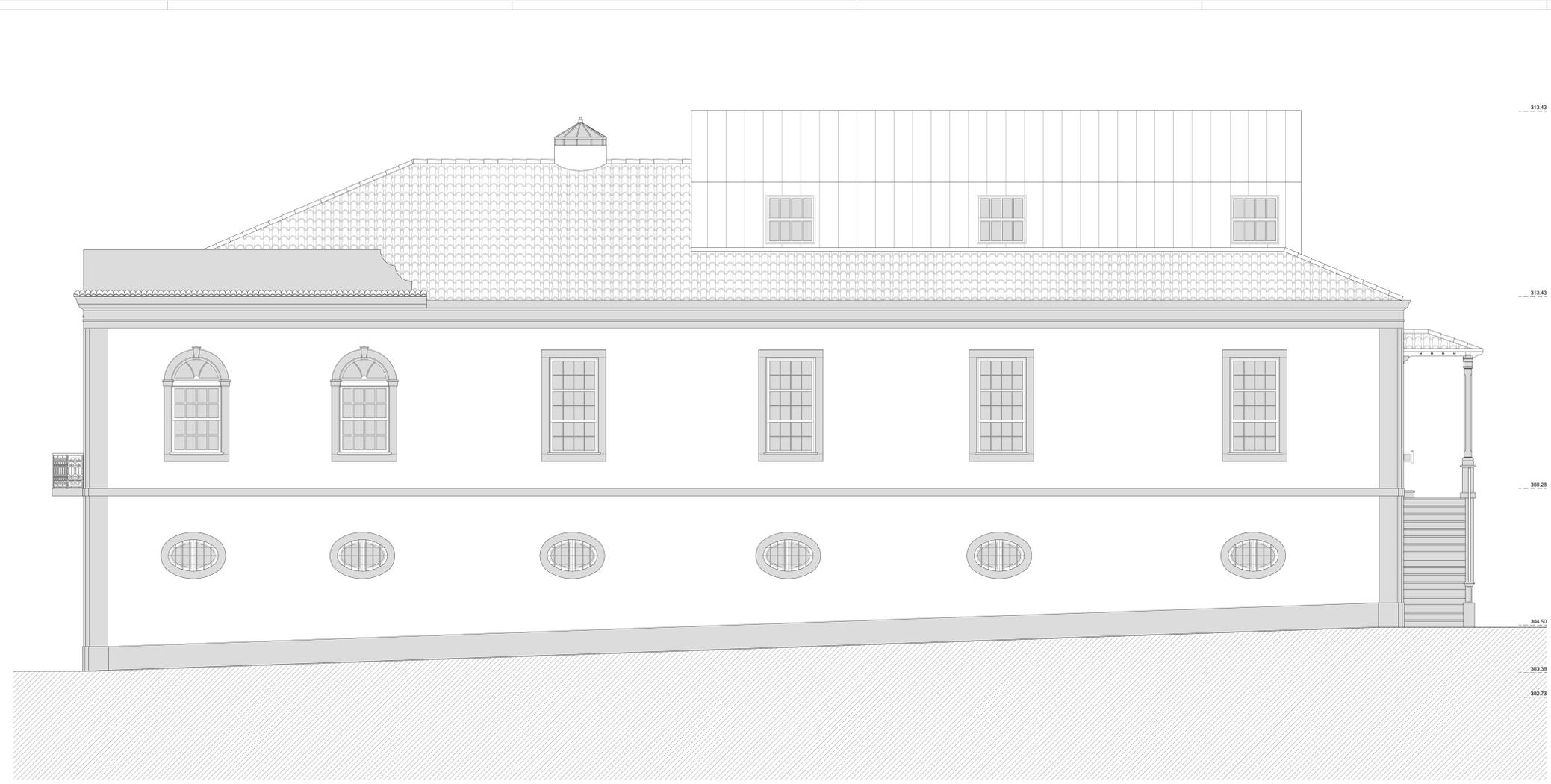
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO

Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC.: REF.:  
Alípio Costa - Proposta 1:50 5.08

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUÍS MANUEL LOPES CUNHA | 03/24



- MATERIAS
- CONSTRUTIVOS
- Betão Armado
  - Pedra
  - Tijolo
  - Madeira
  - Gesso Cartonado
  - Reboço Térmico Projectado
- ACABAMENTOS
- PREEXISTENTES / PROPOSTOS
- Pedra
  - Cerâmica
  - Soalho de Madeira
  - Ripado de Madeira
- COBERTURAS / PAVIMENTOS
- Carta de Pedra
  - Tilha
  - Zinco
  - Vidro


  
 Universidade de Minho
   
 Faculdade de Arquitectura, Arte e Design

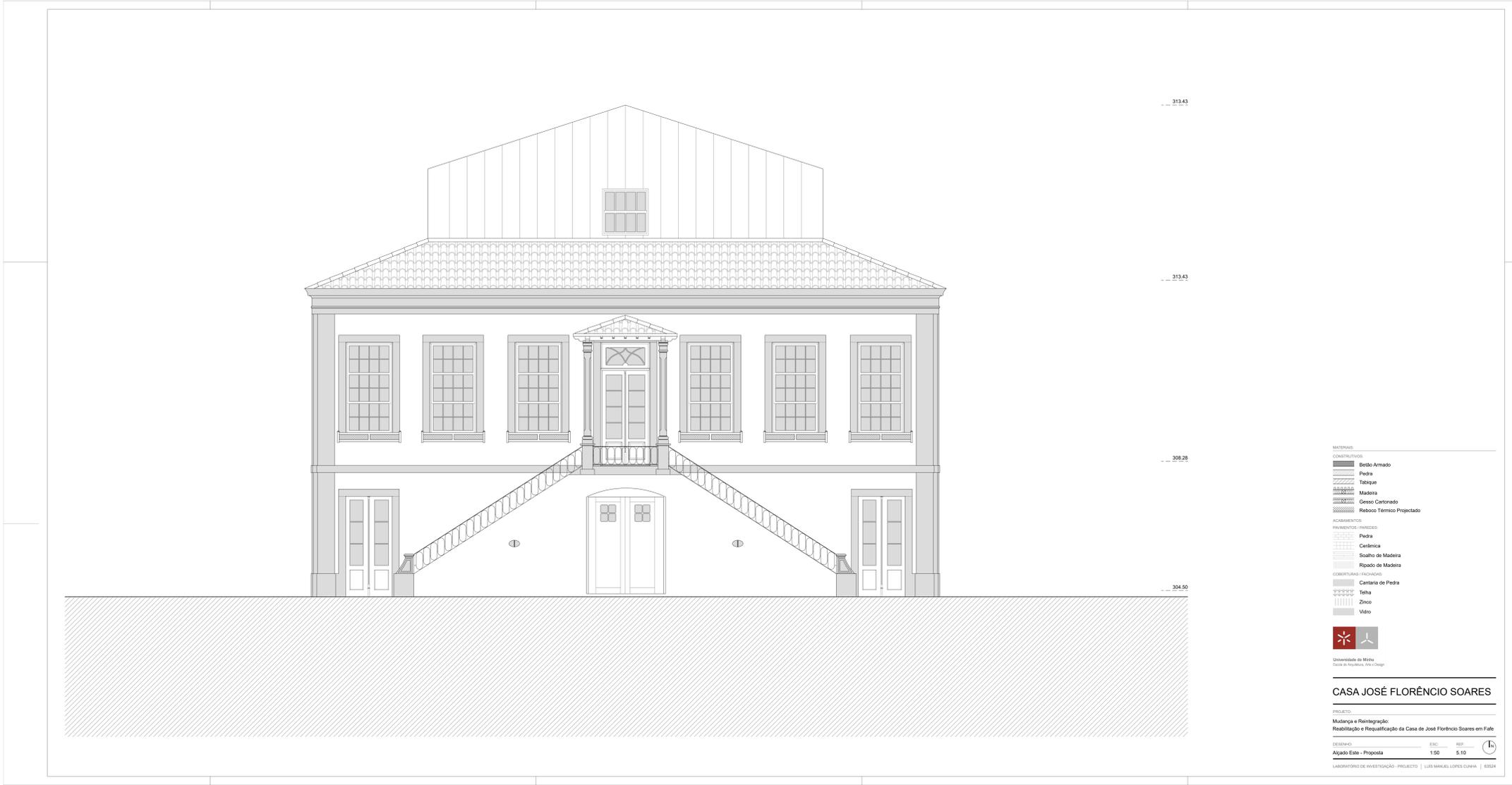
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO

Mudança e Reintegração:  
 Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: RES:
   
 Alvaro Sá - Proposta 150 5.09

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 63524



- MATERIAS
- CONSTRUTIVAS
- Beleço Armado
  - Pedra
  - Telhado
  - Madeira
  - Gesso Carbonado
  - Reboco Térmico Projectado
- ACABAMENTOS
- INTERIORES
- Pedra
  - Cerâmica
  - Soalho de Madeira
  - Reboco de Madeira
- EXTERIORES
- Cantaria de Pedra
  - Telha
  - Zinco
  - Vidro

Universidade do Minho  
Escola de Arquitectura, Arte e Design

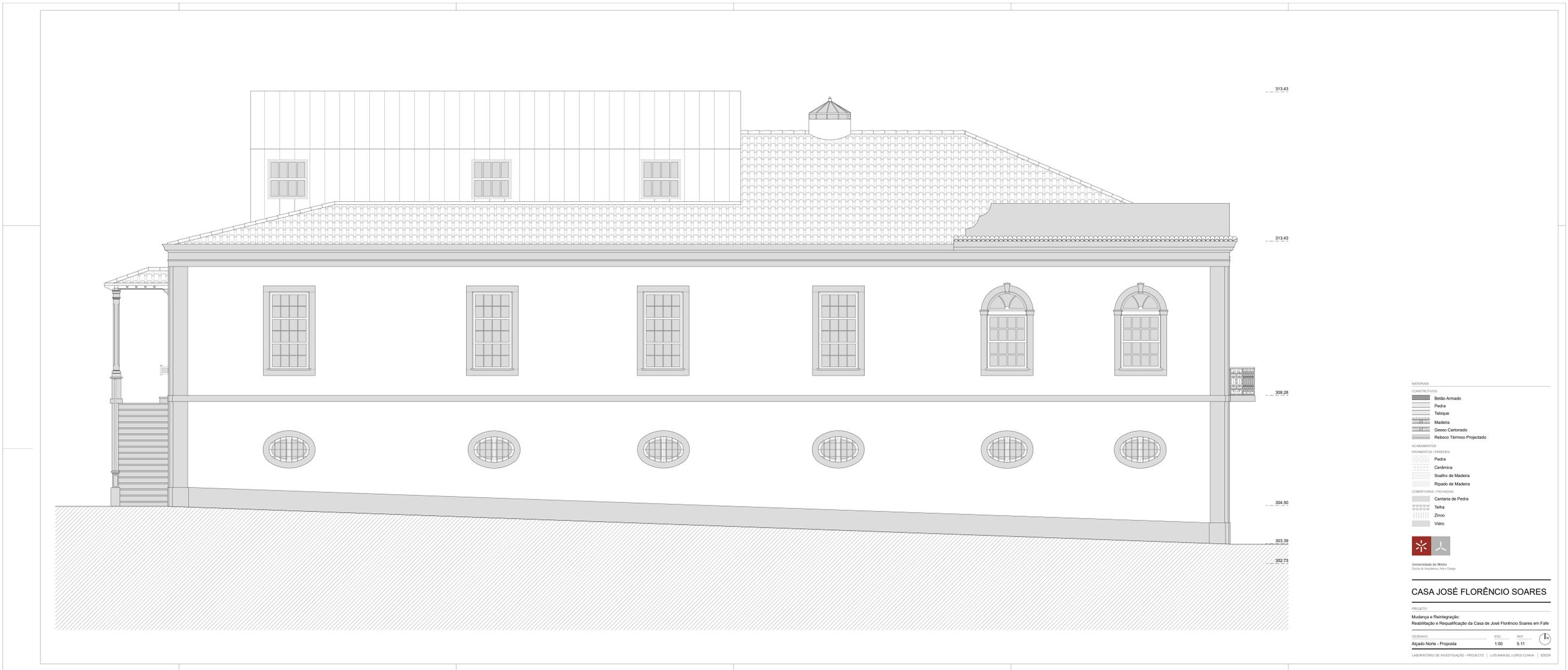
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO

Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESIGNADO: ESCALA: REF: 150 5.10

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUÍS MANUEL LOPES CUNHA | 03/2024



- MATERIAS
- CONSTRUTIVOS
- Beto Armado
  - Pedra
  - Tijolo
  - Madeira
  - Gesso Cartonado
  - Reboco Térmico Projectado
- ACABAMENTOS
- PREVENÇÕES PASSIVAS
- Pedra
  - Cerâmica
  - Solho de Madeira
  - Rijado de Madeira
- COBERTURAS / PAVIMENTOS
- Canteira de Pedra
  - Telha
  - Zinco
  - Vidro

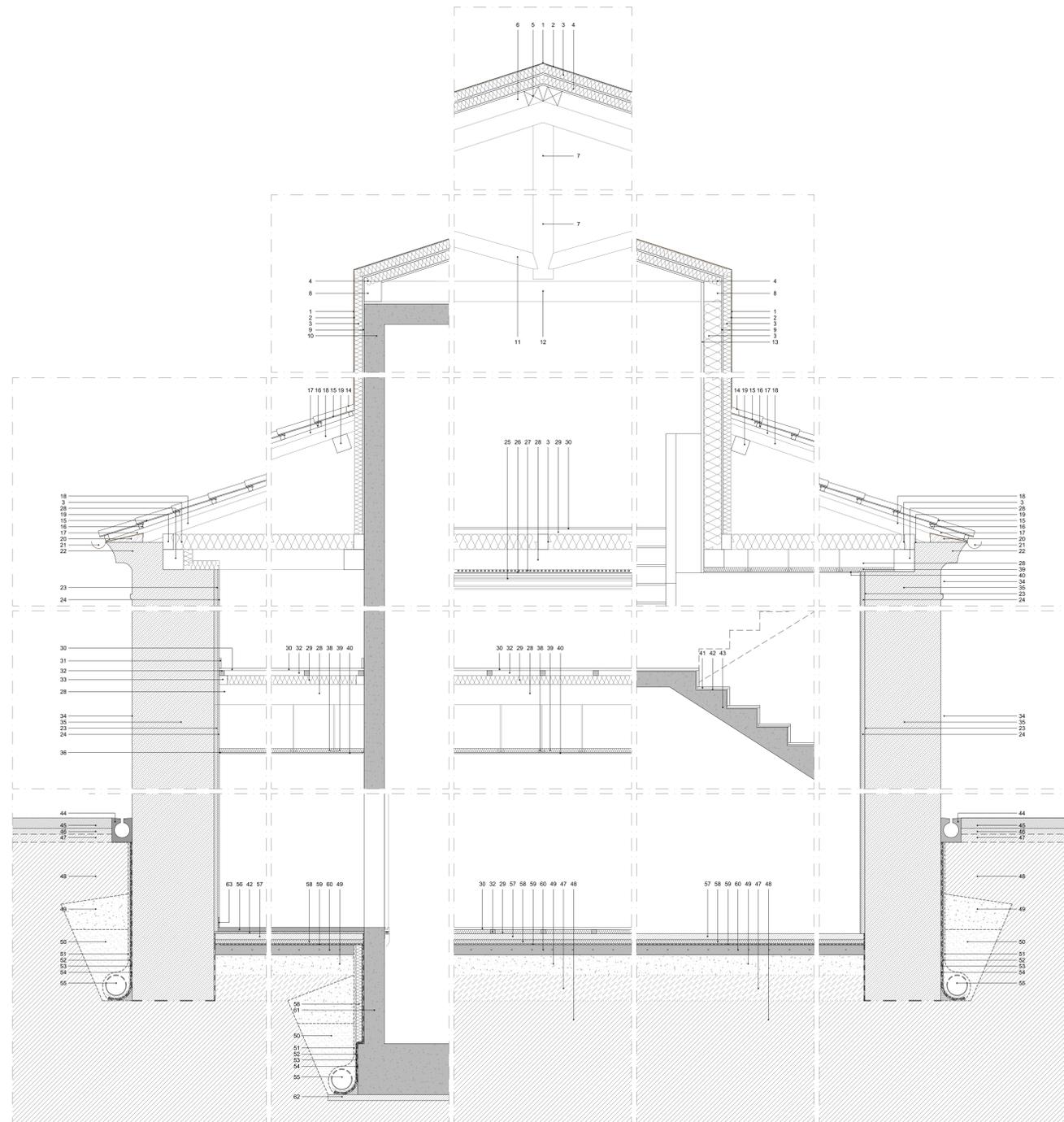
**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO

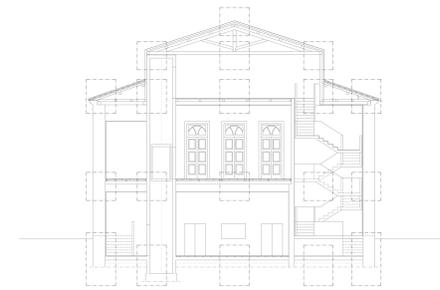
Mudança e Reintegração:  
 Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REP: 150 5.11

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 6324



CORTE CONSTRUTIVO



LEGENDA

- 01 - CHAMA DE ZINCO AGRAFADA
- 02 - MEMBRANA NEUTRAL DE INTERPOSIÇÃO
- 03 - AGLOMERADO NEGRO CORTIÇA
- 04 - PAINEL SANDWICH
- 05 - FILEIRA
- 06 - PERNA
- 07 - FRECHAL
- 08 - FRECHAL
- 09 - MDF HIROFOGO
- 10 - CAIXA DE ELEVADOR BETÃO À VISTA
- 11 - ESCORA
- 12 - LINHA
- 13 - MDF HIROFOGO C/ FOLHA CARVALHO
- 14 - RUFOS EM ZINCO
- 15 - TELHA CERÂMICA
- 16 - RIPA PVC
- 17 - SUB-TELHA
- 18 - VARRA
- 19 - MADRE
- 20 - ARGAMASSA DE CIMENTO
- 21 - CALEIRO
- 22 - CHAMACHORRUA DE CANTARIA EXISTENTE
- 23 - REBOCO TÉRMICO À BASE DE CAL HIDRÁULICA E CORTIÇA
- 24 - ARGAMASSA DE ACABAMENTO ESTANHADA
- 25 - RODAPÉ EM GESSO RECUPERADO/REPRODUZIDO
- 26 - GESSO
- 27 - TABIQUE
- 28 - VIGA MADEIRA
- 29 - GRANULADO NEGRO DE CORTIÇA
- 30 - SOALHO EM PINHO - RIGA
- 31 - RODAPÉ EM PINHO - RIGA
- 32 - SARRAFO DE MADEIRA
- 33 - BARRIOTE DE MADEIRA
- 34 - REBOCO À BASE DE CAL HIDRÁULICA
- 35 - ALVENARIA DE PEDRA EXISTENTE
- 36 - ALHETA
- 37 - RODAPÉ EM PINHO - RIGA RECUPERADO
- 38 - ESTRUTURA TETO FALSO
- 39 - LA DE ROSIA
- 40 - GESSO CARTONADO
- 41 - REVESTIMENTO DE ESCADA EM PEDRA GRANITO
- 42 - ARGAMASSA DE FIXAÇÃO
- 43 - ESCADA EM BETÃO À VISTA
- 44 - CALERA DE PAVIMENTO
- 45 - CALÇADA GRANITO
- 46 - CAIXA DE ÁREA
- 47 - TOUT-VENANT
- 48 - TERRENO COMPACTADO
- 49 - CAIXA DE BRITA
- 50 - CAIXA DE BRITA
- 51 - MANTA GEOTEXTIL
- 52 - TELA PITONADA
- 53 - TELA IMPERMEABILIZANTE
- 54 - MANTA ASFÁLTICA
- 55 - GEODRENO
- 56 - PAVIMENTO EM LAJETA DE GRANITO
- 57 - BETONILHA ARMADA
- 58 - POLIESTIRENO EXTRUDIDO
- 59 - BARRIOTE PARA VAPOR
- 60 - MASSAME DE BETÃO ARMADO
- 61 - SARRAFO DE FUNDAÇÃO
- 62 - BETÃO DE LIMPEZA
- 63 - RODAPÉ DE GRANITO



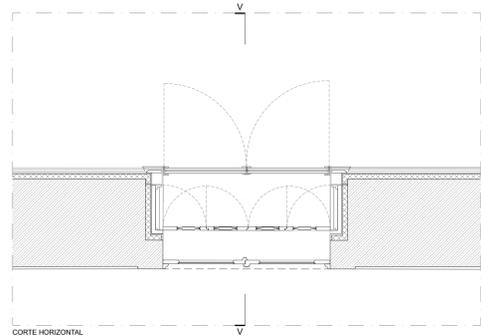
Universidade do Minho  
Faculdade de Arquitectura, Porto, Portugal

CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES

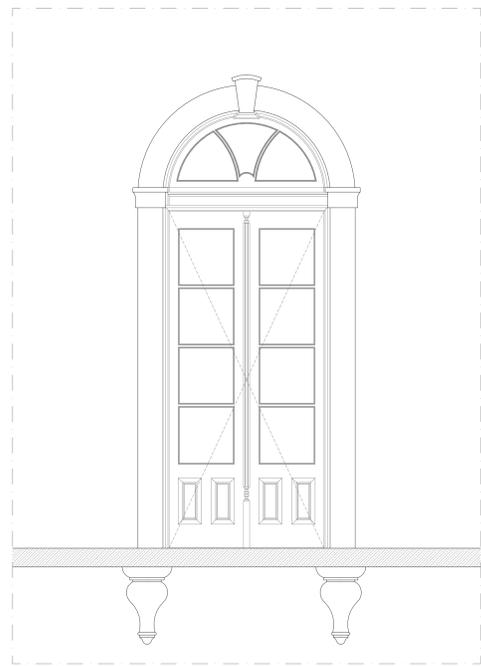
PROJETO:  
Manutenção e Reintegração  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

LEGENDA: ESC. 1:20 6.01

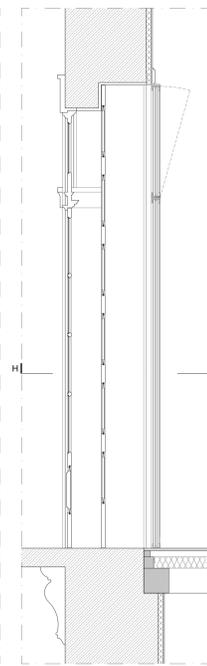
LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJETOS | LUÍS MANUEL LOPES CORREIA | 2024



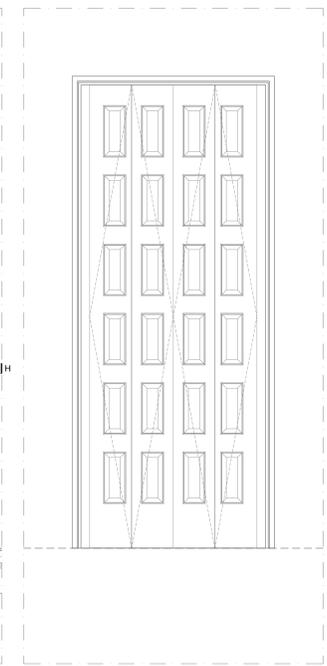
CORTE HORIZONTAL



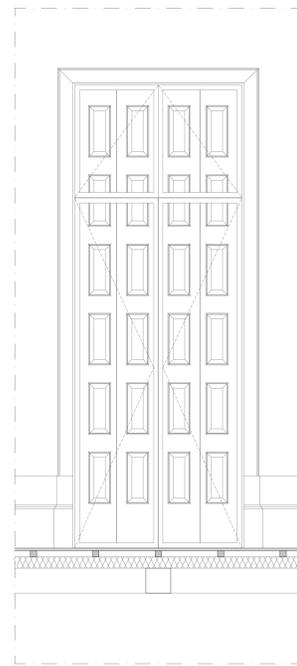
VISTA EXTERIOR



CORTE VERTICAL



VISTA INTERMÉDIA



VISTA INTERIOR

- LEGENDA
- 01 - ALVENARIA DE PEDRA EXISTENTE
  - 02 - MOLDURA GRANITO
  - 03 - MATA JUNTAS
  - 04 - TRAVESSA SUPERIOR BANDEIRA
  - 05 - MASSA VIDRACEIRO
  - 06 - PERNA
  - 07 - PORTADA INTERIOR EXISTENTE
  - 08 - TRAVESSA BANDEIRA
  - 09 - PORTADA EXTERIOR EXISTENTE
  - 10 - VIDRO SIMPLES
  - 11 - MOLDURA MADEIRA
  - 12 - REBOCO FERROCO A BASE DE CAL HIDRÁULICA E CORTIÇA
  - 13 - ARGAMASSA DE ACABAMENTO ESTANHADA
  - 14 - PERFIL CANTONEIRA 150x100
  - 15 - PERFIL CANTONEIRA 70x50
  - 16 - PERFIL CANTONEIRA 60x40
  - 17 - PERFIL TUBULAR 30x10
  - 18 - ESPAÇADOR SELANTE
  - 19 - VEDANTE
  - 20 - VIDRO TERMOCLAMINADO 8MM
  - 21 - CAIXA DE AR 10MM
  - 22 - VIDRO TERMOCLAMINADO 12MM
  - 23 - PERFIL T 60x80
  - 24 - DOBRADIÇA



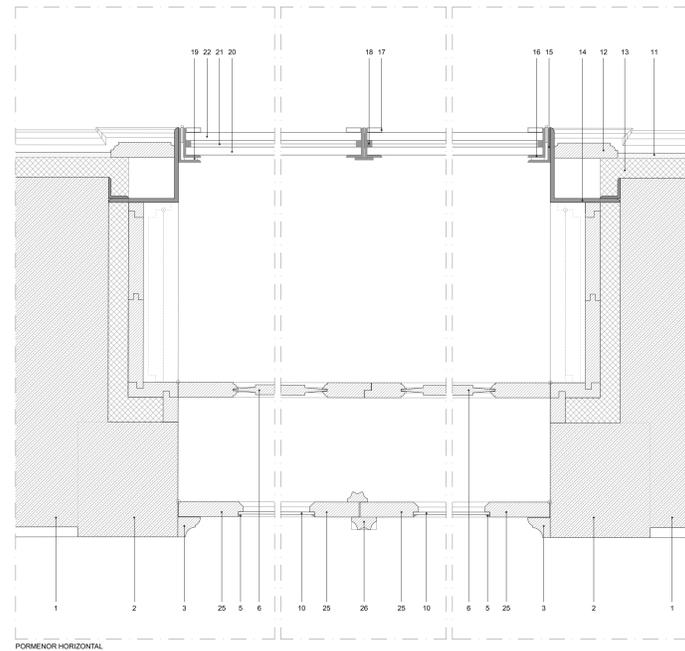
Universidade do Minho  
Faculdade de Arquitectura, Urban & Design

**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

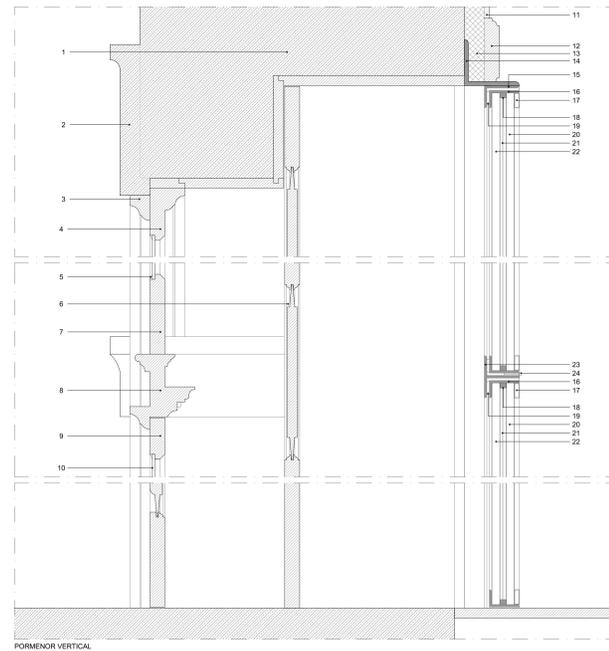
PROJETO:  
Modernização e Reintegração;  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC: REF: 1  
Pormenor Construtivo Vão - Proposta 1:20 8.02

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJETO | LUIS MANUEL LOPES CUNHA | 85524



FORMENOR HORIZONTAL



FORMENOR VERTICAL

- LEGENDA
- 01 - AVENARIA DE PEDRA EXISTENTE
  - 02 - MOLDURA GRANITO
  - 03 - MATA JUNTAS
  - 04 - TRAVESSA SUPERIOR BANDEIRA
  - 05 - MASSA VIDRACEIRO
  - 06 - PERNA
  - 07 - PORTADA INTERIOR EXISTENTE
  - 08 - TRAVESSA BANDEIRA
  - 09 - PORTADA EXTERIOR EXISTENTE
  - 10 - VIDRO SIMPLES
  - 11 - ARGAMASSA DE ACABAMENTO ESTANHADA
  - 12 - ALIZAR
  - 13 - REBOCO TERMICO A BASE DE CAL HIDRAULICA E CORTIÇA
  - 14 - PERFIL CANTONEIRA 155x100
  - 15 - PERFIL CANTONEIRA 75x50
  - 16 - PERFIL CANTONEIRA 65x40
  - 17 - PERFIL TUBULAR 30x10
  - 18 - ESPACADOR SELANTE
  - 19 - VEDANTE
  - 20 - VIDRO TERMOLAMINADO 12MM
  - 21 - CAIXA DE AR 10MM
  - 22 - VIDRO TERMOLAMINADO 8MM
  - 23 - PERFIL T 85x80
  - 24 - COBRADÇA
  - 25 - COUCERA
  - 26 - BATENTE



Universidade do Minho  
Faculdade de Arquitectura e Design

**CASA JOSÉ FLORÊNCIO SOARES**

PROJETO:  
Mudança e Reintegração:  
Reabilitação e Requalificação da Casa de José Florêncio Soares em Fafe

DESENHO: ESC. REF. (1)

Formenor Construtivo Vão - Proposta 1.05 6.03

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO - PROJECTO | LUÍS MANUEL LOPES CINTRA | 65324